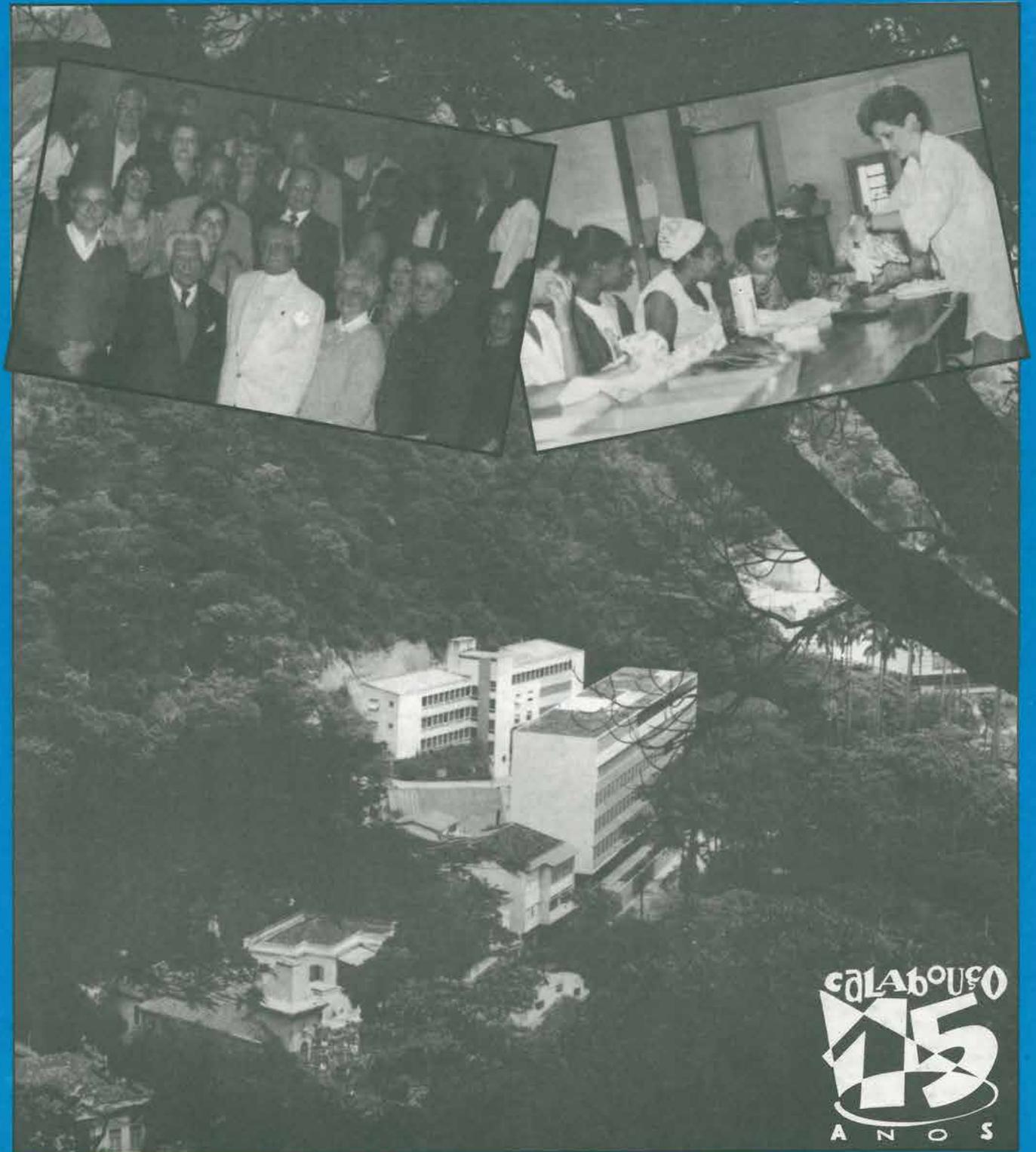




a chama

DEZEMBRO DE 1990



COLABÓRIO
15
ANOS

a chama



**a
chama**
EXPEDIENTE

Rua Cosme Velho, 241
Laranjeiras — CEP 22241
Telefone: 205-0796

**Supervisão Editorial e
Diagramação:**

Anamaria Prado
Solange Gonçalves Bôrba
Olga Maria Ramalho

Composição:

Geniu's Atelier Gráfico Ltda.
Av. Gomes Freire, 647/504
Telefone: 252-8580

Os artigos assinados
são de responsabilidade
dos autores.

Circulação dirigida:
2.500 exemplares

Impressão:

Roliex Artes Gráficas Ltda.
Telefone: 232-1811

EDITORIAL

O Plantador de Sementes

Pedro Paulo M. Barbosa
Pres. da A.P.M. — 1990

Contam que, em algum lugar, no final de uma rua existia uma loja, que era famosa por ter objetos exóticos e diziam que tudo aquilo que o dinheiro pudesse comprar, ali estaria para ser vendido.

Sabedor disso, um rico homem lá chegou e, dirigindo-se ao balcão, informou que queria comparar e pagaria qualquer preço "por toda a sabedoria do mundo".

O negociante, um homem muito velho e de barba branca, olhou para ele sorrindo e disse:

— "Amigo, nesta loja, só se vendem as sementes e não os frutos."

Esse é o papel do Colégio que prepara as sementeiras para o plantio das sementes que foram geradas pelos pais num momento de amor e carinho. Entretanto, para essas sementes se desenvolverem e se transformarem em árvores, que darão bons frutos, deverão ser acompanhadas por jardineiros competentes, através de um longo período, que conheçam profundamente seu ofício e tenham capacidade para transmitir conhecimentos adquiridos.

A esses jardineiros, a essa classe ESPECIAL, damos o título de Professores e a ela devem se juntar os pais, funcionários e amigos, para que as sementes que germinaram ajudem, em um futuro, no entendimento e na transformação da Sociedade num modelo de desenvolvimento em que as questões sociais sejam tratadas de forma mais justa e tenham maior peso nas decisões econômicas.

Esse processo de integração em que todos os segmentos da sociedade participam, para a realização do objetivo comum, é lento e gradual e ajudará, desde que plenamente integrado, ao professor-jardineiro na realização de suas atividades.

Sem dúvida, esse é o objetivo do Colégio São Vicente de Paulo: fazer germinar sementes que serão agentes transformadores da sociedade, buscando a justiça social. Nesses 30 anos de existência a Associação de Pais e Mestres e a Voluntárias da Caridade têm procurado dar sua participação de forma intensa e objetiva a toda comunidade do Colégio, se unindo na busca de um mesmo objetivo, que é ter na liberdade a responsabilidade de transformar e participar sempre para esta CHAMA não apagar.

A FORMAÇÃO PERMANENTE DA A.P.M.



*Anamaria e Pedro Paulo
(Casal-Presidente – A.P.M. – 1990)*

Em 1989, quando o Colégio São Vicente de Paulo completou 30 anos, falávamos da A.P.M. como uma forma de experiência participativa e, um ano após, ao começar a redigir este artigo sentimos que o crescimento foi imenso ao buscarmos compreender a realidade pela dinâmica da ação-reflexão, pela descoberta de relações não perceptíveis do fato em si e, principalmente, pelos valores emergentes que nos levaram a buscar a Formação Permanente como uma nova metodologia, para que a atuação da A.P.M. caminhe na formação para a Liberdade participativa.

O momento vivenciado pelas escolas particulares durante e após a greve

“Mestre não é quem ensina, mas quem de repente aprende”

(João Guimarães Rosa)

dos professores, no início deste ano, nos deu a certeza de que o nosso planejamento participativo, cujo objetivo é integrar a família com a escola e preservar a qualidade de ensino, unindo a tudo isto um maior diálogo com os Professores, Voluntárias da Caridade, Grêmios e Funcionários, nos ajudou a empreender uma atuação junto a outras escolas que buscam este mesmo processo.

Uma nova caminhada teve início com nossa participação no Conselho de Pais da AEC – Associação de Educação Católica – onde passamos a vivenciar experiências com outras escolas, em reuniões semanais em que se discutem os rumos da educação, frente às medidas tomadas pelo Ministério da Educação, não só no que tange à questão das mensalidades, mas tam-

bém na conscientização de que caberá, daqui para frente, à família lutar por uma melhor qualidade do ensino através do resgate de valores há muito tempo abandonados.

Há que se lembrar que a família é quem educa seus filhos e à escola cabe a formação destes, que só será possível na medida em que esta família voltar à escola como colaboradora principal da formação do aluno, porque é o seu educador maior. Acreditamos, após estes meses de reflexão e análise crítica da situação das escolas, que é imperativo conscientizar os pais da necessidade de se unirem aos Professores e Direção para a preservação de um ensino qualificado, para que a sociedade não se torne uma deformadora de pessoas.

Assim sendo, promovemos, juntamente com a AEC, um Fórum pela preservação da Qualidade da Escola, do qual são chamadas a participar as Escolas Católicas do Rio de Janeiro. Serão, então, abordados vários temas, tais como "Formação para a Cidadania", "Formação do Homem Social", etc. O Fórum será realizado em cada Escola, adequando-se à realidade local.

Este projeto arrojado e bastante idealista é a semente que lançamos numa caminhada global e que estamos trazendo para a nossa realidade local — São Vicente. No Colégio participamos do encontro dos Professores do segundo grau e a Direção, onde o primeiro momento deste Fórum foi vivenciado de maneira bastante qualificativa.

Começamos a entender que, também, precisávamos encontrar uma forma de trazer as Voluntárias da Caridade e sua obra para uma participação ativa dentro da Comunidade, de forma a atingir a filosofia educacional do Colégio no que diz respeito à Educação para a Justiça. Além disso, o trabalho por elas desenvolvido nos dá oportunidade de colocar os alunos em contato direto com os Movimentos Populares.

Esta é a maneira que encontramos

para dar início ao Projeto Escola e Movimentos Populares. Dentro deste objetivo, desencadeamos uma ação participativa dinâmica, junto com as Voluntárias da Caridade, no Morro Cerro-Corá, onde deverá ser construído um Posto de Saúde e será realizado um trabalho de Comunidade de Base, que abrangerá o aspecto social-cristão.

Neste momento — uma pausa — avaliando nossa atuação, percebemos que estamos num esforço consciente de enfrentar um desafio que inclui a integração de uma Comunidade a um projeto democrático de educação e sentimos uma satisfação, uma alegria imensa, ao constatarmos que isto ocorre no momento em que a A.P.M. completa 30 anos. Fica a certeza de que a A.P.M. não é transitória.

Há que se ressaltar o diálogo com a Direção que, mesmo em momentos de crise, como o da greve, manteve-se dentro de um processo de busca unida por soluções. Temos da Direção da Escola a demonstração de que a Educação Libertadora é a própria vida e, como tal, é difícil de compreendê-la em muitos momentos, mas nem por isso devemos desistir de vivê-la. Ensina-nos, também, que todos os membros da comunidade devem levar a sério o processo de transformação para

a Liberdade.

O que até aqui foi feito, conseguido e vivenciado, pela atual Diretoria, valeu para melhor prosseguir, para sempre aprender sem nunca querer ser um mestre, mas para ser uma pessoa humana livre que respeita e dignifica a Educação, base para uma sociedade não elitista, justa e organizada.

Relemos o artigo do Pe. Almeida, publicado na revista "A CHAMA" de 1989: "Se o São Vicente não tivesse existido..." e completamos dizendo, ou melhor, afirmando que não estaríamos hoje-aqui-reunidos enquanto pais, mas muito mais como alunos, na busca da Formação Permanente da Família do Colégio São Vicente. Ainda refletindo sobre o referido artigo, nos perguntamos, se estaríamos melhor ou pior? Não nos cabe responder, apenas deixar que nos formemos a cada minuto, permanentemente, em pessoas que respeitam a liberdade, pessoas responsáveis que ao fazer a sua parte no contexto possibilitam a explicitação da Filosofia do Colégio, sempre na certeza de que estaremos contribuindo e ajudando na caminhada para o futuro, ao deixarmos de lado vaidades e superioridades, sem esquecer que o dom da vida tem como requisitos maiores o Amor e a Humildade.



OS 30 ANOS DAS VOLUNTÁRIAS DA CARIDADE:

— A VISÃO DE QUEM FAZ E FEZ

Entrevistadas: Dinah R. Costa e Léa Rocha Lima



1) Como vocês se tornaram Voluntárias da Caridade? Vocês ainda se consideram Voluntárias até hoje?

R) No momento em que optamos por ser Voluntárias da Caridade há trinta anos atrás, quando havia uma cerimônia na qual recebíamos na Capela, o diploma, o livro e a cruz de Voluntárias, assumimos um compromisso que me leva a dizer que vamos morrer sendo Voluntárias da Caridade. Quanto ao "como vocês se tornaram Voluntárias da Caridade", eu por exemplo assisti à missa de fundação do Colégio São Vicente de Paulo, e, o que é melhor, eu já conhecia este Colégio antes dele existir. A casa dos Padres da Congregação da Missão já estava construída e, aos domingos, assistíamos à missa que Pe. Horta celebrava para os pais de seus futuros alunos. Quando o Colégio começou a funcionar, nós já tínhamos um vínculo com ele e com a comunidade e foi exatamente desse grupo de pais, que freqüentavam as missas de domingo, que se formou o núcleo da "Associação das Senhoras da Caridade de São Vicente de Paulo" — do Colégio São Vicente de Paulo. A primeira Presidente de nosso núcleo foi Madeleine Pini Leitão, mãe de aluno fundador.

2) Léa, conte como foi sua atuação como Presidente da Associação das Senhoras da Caridade, hoje, Associação das Voluntárias da Caridade, e da APM?

R) É claro que eu usei o fato de ser, também, Presidente da A.P.M. para ajudar o grupo das Voluntárias da Caridade. Naquela época contávamos com a ajuda do Pe. Dario e do Pe. Nogueira. Após 3 anos de presidente da A.P.M., minha sucessora, Désirée Saade Montenegro, também era Voluntária da Caridade e isto permitiu a continuação do elo entre as duas Associações. As promoções eram sempre um fator de integração A.P.M., Colégio São Vicente de Paulo e Voluntárias da Caridade permitindo, desse modo, uma atuação eficaz das Voluntárias, quer por recursos econômicos, quer por recursos humanos.

3) Vocês acham que a conscientização da Comunidade do São Vicente em relação às resoluções do Concílio Vaticano II, mudou de alguma forma a atuação das Voluntárias da Caridade?

R) Nessa época o nosso trabalho começou a ser questionado por nós mesmas porque já começávamos a perceber uma certa rejeição quanto à forma de trabalho. A partir deste questiona-

mento, não só da nossa atividade mas de toda a estrutura, houve um desprestígio enorme do nosso trabalho, o que era normal num momento em que muitas coisas foram postas abaixo. Houve uma época em que éramos "toleradas". Mesmo assim, o Pe. Dario nos dava uma força muito grande, o Paiva também, talvez por uma afinidade de objetivos — atender os pobres. A fase áurea da Associação das Voluntárias da Caridade foi quando como Assistente o Pe. Nogueira, que nos proporcionou um grande impulso, inclusive a nível nacional, resultando num certo resgate do nosso trabalho. Passamos a ser Sede Nacional das Voluntárias da Caridade. Infelizmente o Pe. Nogueira faleceu e aí, uma vez mais, tivemos dificuldades quanto ao prestígio, o reconhecimento e a participação da comunidade em nosso trabalho.

4) No questionamento sobre o trabalho, até então principalmente assistencialista, realizado pelas Voluntárias da Caridade o que foi mais marcante?

R) Após o Concílio Vaticano II a nossa associação passava, em termos internacionais, por um processo intenso de atualização e modernização, mas nunca nos foi possível colocar, aqui,

essa evolução e essa nova visão das Voluntárias da Caridade à luz de todo esse questionamento. Desde 1971, ia à Europa para os Congressos Internacionais. Quando fui eleita para o Comitê Executivo, passei a ir anualmente às reuniões do Comitê. Eu devo muito a esses encontros pois, ao perceber o quanto a mulher sul-americana, que queria promover o pobre, era também oprimida pela própria sociedade. Os responsáveis pelo Grupo Internacional realizaram inúmeros cursos de atualização e reciclagem, com profissionais especializados, que faziam perceber o quanto poderíamos influir para a caminhada de uma sociedade mais justa. Desta forma, fui privilegiadíssima mas, de outro lado, me sentia muito frustrada, pois ao chegar no Brasil a mensagem não tinha eco, eu não tinha com quem dividir todas essas experiências.

5) Das obras que vocês realizaram qual a que teve mais repercussão no exterior?

R) Nós tivemos, durante 4 anos, um trabalho numa creche na favela do Morro da Providência. Nós só aceitamos o trabalho da creche, porque contávamos com o apoio de toda a Comunidade do São Vicente. É importante dizer que, na Associação Internacional, há uma grande simpatia pelo Brasil; eles querem que nosso país deslanche para uma justiça social e para isso, não medem esforços quanto ao apoio. Quando eu levei os slides da creche, a reação foi enorme e, a partir daí, tive garantida a minha passagem para os Encontros Internacionais, um apoio que faziam questão de dar por acreditarem no trabalho que poderia ser realizado no Brasil. Um outro trabalho interessante foi a criação do ambulatório, que nós construímos a partir de um porão infecto, cedido a nós pelos responsáveis pelo Colégio Providência. O marido de uma de nossas companheiras, que era arquiteto, fez o projeto; um amigo meu, que era construtor, construiu sem cobrar por seu trabalho e, através do Colégio São Vicente de Paulo, fazíamos as festas (como os desfiles de modas das alunas mostrado na foto) para recolher fundos para compra do material. Foi uma coisa fabulosa! Funcionavam: atendimento médico, dentista, curso/atelier de costura e fornecimento de mantimentos. Atendíamos a quase 200 famílias. Infelizmente, quando mudou a direção

da Escola da Providência, nosso trabalho teve que ser interrompido.

6) Como era o contato de vocês com os pobres? Como eles ficavam sabendo dos serviços prestados por vocês?

R) Atualmente, pela situação de agressividade e insegurança em que vivemos, nosso contato com o pobre está sendo unicamente aqui na sede. No início nós íamos à casa deles, nos morros e cortiços próximos ao Colégio. Cada cortiço abrigava 3 a 4 famílias de pobres e nesse contato direto, é que residia a grande eficácia do nosso trabalho. A construção de prédios por aqui, levou essas famílias aos conjuntos habitacionais que ficavam bem distantes da nossa sede. O curioso é que nós pedíamos a eles que procurassem, no novo bairro, pessoas que estivessem prestando auxílio e, constantemente, eles voltavam a nos procurar, pois lá não havia nenhum tipo de assistência. Hoje, já não dá para ir a qualquer favela, subimos o Morro de Cerro-Corá, pois somos conhecidas lá, mas se tivermos que ir a outro, não se se teremos coragem.

7) Nesse ano, há um esforço por se integrar A.P.M., Voluntárias da Caridade e Grêmios. O projeto Cerro-Corá, para a construção do Posto de Saúde no morro, é um exemplo. O que vocês têm a nos dizer desse projeto? Quais os pontos a que devemos nos ater para que ele frutifique?

R) Acho que o nosso erro — de todos nós — foi fazer apenas a crítica ao trabalho assistencial sem colocar nada no lugar, sem procurar o caminho alternativo. Vou lhe passar a experiência feita no Chile, em relação a um projeto bem parecido com este, há 4 anos atrás. O sucesso do projeto foi baseado no preparo das próprias pessoas da comunidade onde estava situado o Posto Médico, a fim de serem eles os agentes do próprio Posto, no que diz respeito ao atendimento e difusão de uma forma alternativa de cura, isto é, o uso de chás de ervas locais, comuns, baratas e abundantes na região. Não devemos pensar em entregar o Posto pronto, pois aí, quando faltar dinheiro para pagar o médico, o Posto fecha. Essa obra não deve ser paternalista.

8) Como uma mãe ou avó de aluno pode fazer para participar do grupo das Voluntárias da Caridade? Qual o trabalho feito hoje por vocês?

R) O primeiro passo é nos procurar nos dias dos encontros: 3^{as} e 5^{as} feiras aqui na nossa sede, que fica na casa anexa ao Colégio. Sabemos que nosso trabalho não é dinâmico como era na década de 70. É muito despretencioso, quase que um "estar junto" do pobre. Ouvi-lo, compreendê-lo e oferecer uma pequena ajuda material, junto dessa presença amiga que lhes oferecemos. Ainda assim, não abrimos mão dele, sem que possamos colocar alguma coisa no lugar, que sonhamos ainda conseguir. Isso é um ponto de honra. Já tivemos diversas fases de atuação nos trinta anos de Associação. Reconhecemos a fragilidade de nosso trabalho e do individualismo da sociedade que nos rodeia. Neste espaço, lançamos um S.O.S., para que juntos, e consequentemente fortes: Colégio São Vicente de Paulo, Associação de Pais e Mestres, Alunos e Voluntárias da Caridade, possamos substituir a atividade atual de nosso núcleo que, no momento, é apenas assistencial, por uma ação promocional, que tire o pobre de sua marginalização, atendendo à preocupação primordial de São Vicente.

Atividades das voluntárias da caridade:

- Todas as 3^{as} e 5^{as} feiras: aulas de tricô e Crochê para as jovens dos morros perto do Colégio, dadas por Voluntárias, aqui na nossa sede.
- Todas as segundas 5^{as} feiras de cada mês, as 35 famílias cadastradas vêm aqui, receberem uma palavrinha sobre a Liturgia, a religião no nosso dia a dia, cantamos juntas e no final, distribuimos as sacolas com mantimentos, roupas e lanche.
- Todas as 3^{as} e 5^{as} feiras nos reunimos para fazer pintura, artesanato, costuras para o Bazar e enxovais e rezarmos juntas.
- Distribuição de enxovais às gestantes cadastradas e mediante a apresentação de exames de saúde e pré-natal.
- BAZAR de PECHINCHAS — venda, a preço simbólico, de roupas, sapatos e utensílios usados, doados por pais de alunos do Colégio.
- Os nossos encontros e cursos são no horário de 14h e 30 min a 17 horas.

GRUPO "CALABOUÇO"

— O TEATRO FAZ 15 ANOS —

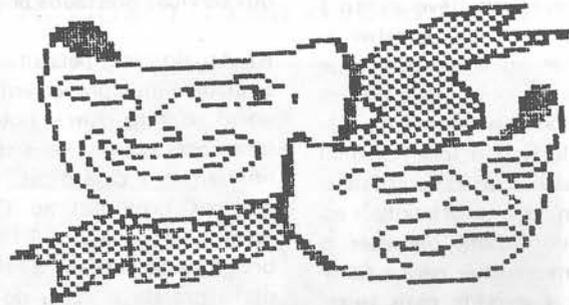
Almir Telles
(Professor — teatro)

Quando olho para este espaço vejo que tantos homens iluminados nele já se imantaram, que chego a ouvi-los até claramente, dando-me apoio, idéias e até me fazendo rir. A esses grandes mestres, que já falaram aqui pela boca dos adolescentes e jovens propagando suas lutas pedindo apenas um pouco mais de luz para os homens. A esses mestres eu só tenho a agradecer. Vieram das mais variadas raças e cores, de Shakespeare a Luiz Marinho, de Ariano Suassuna a Bertolt Brecht, de Jean Tardieu a Thornton Wilder, de Machado de Assis a Dickens, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles, Glauber Rocha, Peter Weiss e tantos outros.

Aos mestres da música que já fazem parte deste teatro, vindo das mais variadas tendências, dos Cânticos Gregorianos a Chiquinha Gonzaga, passando por Bach, Nepomuceno, Chico Buarque, João do Vale, Edu Lobo, Cláudio Botelho e outros, em nome de todos eu agradeço. Às pessoas que trabalharam e trabalham comigo eu não sei se devo agradecer ou se juntos é que estamos escrevendo esta matéria. É o que sinto.

À Associação de Pais e Mestres (A.P.M.), aos Grêmios dos 1º e 2º Graus, ao Joca, à Dequinha, ao Darcy, ao Joaquim, ao Serginho, aos ascensoristas e à Diretoria desta Comunidade, em especial ao Pe. Almeida, Pe. Venueto e ao Sr. Hugo Paiva e a todos que ajudaram a acomodar neste espaço este encadeamento de idéias — a estes eu também tenho muito o que agradecer.

Em nome de todos supra citados e dos grupos atuais, para que possamos continuar o nosso trabalho neste Colégio como agentes de transformação social e humana, em nome de todos os espectadores e em respeito aos mesmos, pedimos um presente de aniversário de quinze anos: uma reforma geral no quadro de luz e som, e um aparelho de ar condicionado. Achando, em consenso, que tal pedido é o mínimo para continuar o seu trabalho com dignidade e não vendo motivo para não acreditar no seu atendimento, o Teatro agradece.



Quanto ao resultado destes 15 (quinze) anos de trabalho ininterrupto, deixo por conta de alguns dos ex-alunos e professores que conseguimos contactar para darem suas opiniões. Quanto a minha, é mais um pedido: que todos os Colégios da Rede Pública e Privada que ainda não seguiram o exemplo do São Vicente, que o façam e com uma certa urgência integrem o teatro na sua linha educacional — não retardem mais — o planeta precisa.

HISTÓRICO DO GRUPO DE TEATRO — O "CALABOUÇO"

- 1976 — "Calabouço" Sérgio Ricardo E. Glauber Rocha.
- 1977 — "Viola Enluarada" Fantasia dramática da música de Marcos Valle "O Amor segundo Brecht" Poemas de B. Brecht.
- 1978 — "O Interrogatório" Peter Weiss.
- 1979 — "Quem é o dono da Pureza do Ar e do Brilho da Água" Espetáculo em defesa do meio ambiente.
- 1980 — "Deus e o Povo — Minha Ira e Minha Esperança" Uma reportagem sobre a Igreja Progressista.
- 1981 — "A Via Sacra" Henri Ghéon. "Liturgia da Loucura" Textos de Ionesco, Eugene O'Neill, Rimbaud, Shakespeare, Artaud.
- 1982 — "Nossa Cidade" Thornton Wilder.
- 1983 — "Torturas de Um Coração" Ariano Suassuna.
- 1984 — "Se chovesse Vocês Estragavam Todos" Clovis Levy e Tânia Pacheco.
- 1985 — "Conversação Sinfonieta" Jean Tardieu.
- 1986 — "O Alienista" Machado de Assis — Adaptação de Cláudio Botelho.
- 1987 — "Brasil Nunca Mais de Getúlio aos Generais" Revista Dramática Musical — Sobre a Repressão no Brasil.
- 1988 — "Celebração Negra" Reportagem teatral sobre os conflitos raciais para celebrar os 100 anos da Lei Áurea.
- 1989 — "A Compadecida" Ariano Suassuna.
- 1990 — "Macbeth" W. Shakespeare — Em fase de ensaios integrando alunos e ex-alunos — Numa comemoração de 15 (quinze) anos do grupo. Todos estes espetáculos tiveram a direção e a concepção de ALMIR TELLES.

"OPINIÕES"

O "Calabouço" foi sem dúvida super importante para mim na minha formação. Um espaço onde foi possível realizar experimentos enquanto ator e ser humano (por que negar o processo terapêutico?). O Almir sempre foi um cara sensível, que soube conduzir bem as nossas vivências.

Mauro Viana
(ex-aluno e ator profissional)

— o —

Existe na vida de cada um de nós a necessidade de, em algum momento, encontrar o lugar e a porta certa. O espaço aonde a sua máscara lhe espera. Máscara da vida toda.



“Calabouço” foi minha porta. Minha máscara, o teatro. O resto eu não sei.

Moacyr Góes
(ex-aluno e diretor teatral)

— o —

A experiência com o Almir foi muito importante para mim. O Almir faz parte da minha escola de teatro, da minha formação de ator. Eu devo muito a ele pelo trabalho e pela paciência que teve comigo (eu acho que eu era um ator muito rebelde). Se hoje eu estou dando certo profissionalmente, se eu apresento um trabalho de qualidade, o Almir divide tudo isso comigo. Eu falo isso sinceramente.

Marcos Palmeira
(ex-aluno e ator profissional)

— o —

Os três anos que passei no grupo “Calabouço” foram de profunda transformação, tempos de verdadeiro aprendizado. Pela primeira vez, a escola adquiriu um sentido maior na minha vida, pois o teatro trazia novo significado a tudo. A presença do Almir dava o tom e comandava toda essa vivência. Anti-professor por excelência, por seu jeito de ser, por seu pensamento, ele terminava por se tornar o maior mestre: fazia a gente gostar de ser aluno.

Cláudio Botelho
(ex-aluno, músico e ator profissional)

— o —

A coisa mais contagiante no grupo, a meu ver, era a força dos que nele trabalhavam, dirigidos e acompanhados pelo Almir, transformando o “Calabouço” num grupo profissional.

Passados sete anos, hoje, vendo esses garotos do “Calabouço”, eu tenho a certeza de que o trabalho desenvolvido em grupo é uma experiência que, no mínimo, torna o teatro uma necessidade vital para todos.

Luis Filipe Mendonça
(ex-aluno e ator profissional)

— o —

Conheço Almir há alguns anos. Comecei a tentar fazer teatro com ele. Sobre ele, por questões de talento e idade, que fale um outro amigo seu. Um bardo chamado William Shakespeare:

JACQUES — Um bufão, um bufão! Encontrei um bufão na floresta, um bufão usando trajes característicos de sua classe! “Bom dia, bufão”, disse-lhe eu. “Não, senhor”, respondeu-me ele. “Não me chameis de bufão até que o céu me haja enviado a fortuna.” En-

tão, tirou um quadrante do bolso, e, olhando-o com os olhos sem brilho exclamou com muita sabedoria: "São dez horas." E acrescentou: "Daí podemos deduzir como o mundo marcha. Há uma hora não eram mais do que nove e daqui a uma hora, serão onze. Assim, pois, de hora em hora amadurecemos e amadurecemos. Logo, de hora em hora, apodrecemos e apodrecemos. Aqui termina a história." Quando escutei o bufão mosqueado moralizar assim a respeito do tempo, meus pulmões começaram a cantar como um galo, só de pensar que os bufões pudessem ser tão avançados na meditação e na contemplação. Ri sem parar durante uma hora pelo quadrante dele. Oh! nobre louco! Oh! digno bufão! Só devia vestir o matizado traje!

DUQUE — Que bufão é esse?

O Bufão Almir Telles. Da peça: "Como Gostais".

Leon Góes
(ex-aluno e ator profissional)

— o —

Os anos de "Calabouço" e "Faz Escuro Mas Eu Canto" com o Almir foram muito importantes para mim em todos os sentidos. E agora estudando teatro, eu vejo como o sentido de grupo é importante para todos os atores.

Ana Amélia Verocai
(ex-aluna e estudante de teatro na C.A.L.)

— o —

Sem dúvida, o teatro do São Vicente tem uma importância de destaque no teatro desenvolvido no meio colegial. Tive lá a oportunidade de conhecer o trabalho do Almir durante quatro anos, o que me fez escolher esta carreira. E por isso sou muito grata a ele.

Renata Versari
(ex-aluna e estudante de teatro na UNI-RIO)

— o —

Eu escolhi o teatro como profissão a partir do momento em que descobri que ele não era apenas mais uma forma de expressão artística, mas um canal necessário para a comunicação entre a alma dos homens. Este é o teatro do Almir. O teatro coletivo, onde fica clara a insipiência de todos os individualismos e onde aparece a força que o homem ganha quando se une a outro em prol de uma verdade maior.

Gustavo "Gruta" Guenzburger
(ex-aluno e estudante de interpretação na C.A.L.)

— o —

A cada final de ano, ao término de uma etapa de trabalho, nós, eu pessoalmente, sempre me surpreendo com a qualidade do que vejo como produto final. E fico a imaginar o empenho, a dedicação, o esforço, o amor, a paixão, as trocas, as experiências, todo o trabalho pedagógico que possibilitou aquele fechamento. E por isso me emociono. E até entendo porque, cada vez se pede mais espaço para desenvolver e ampliar o trabalho de Teatro no Colégio São Vicente de Paulo. Eu faço coro. E darei sempre o maior apoio.

Nina Maria
(Coordenadora — 1º Grau)

— o —

Desde que comecei a estudar no segundo grau, testemunhei a importância do grupo de teatro para os alunos e para o Colégio.

Hoje, enquanto Coordenador Comunitário, continuo a reconhecer o quanto o grupo faz e ainda há de fazer por toda nossa comunidade.

Parabéns!

João Carlos
(ex-aluno e Coordenador Comunitário)

— o —



"Calabouço".

Tem a metade da existência do Colégio São Vicente de Paulo, de cuja marca registrada é um dos traços nítidos.

O "Calabouço" é prisão para quem, na ribalta ou na platéia, por ele passa. Ele fica.

Do "Calabouço" muitos empreenderam — e empreenderão ainda — o vôo para a liberdade de sua expressão artística.

Parabéns!

Pe. Humberto Venuto, C.M.

"CALABOUÇO" EM BODAS DE CRISTAL

Posso dar meu testemunho a respeito do esforço, da constância e da "garra" com que o Professor Almir vem sustentando seu grupo, vencendo sempre dificuldades, contornando obstáculos e, no final, colhendo louros. Estes têm sido evidentes nas apresentações internas de cada ano e, até, na performance que os ex-alunos vão exibindo pela vida. Tais como os irmãos Góes.

A princípio, o teatro, dada a sua montagem extra-horário, me punha muitas interrogações quanto à capacidade de somar com as demais forças pedagógicas, sendo *formativo*... Hoje, meu sentimento e minha predisposição vão mais no sentido de admirar a dedicação destes adolescentes e jovens, capazes de tudo sacrificar, inclusive a alimentação e o sono regular, em proveito de uma boa exibição da peça em laboratório.

O amor à arte — reflexo da beleza de Deus — é, sem dúvida, merecedor de elogios. Parabéns, "Calabouço"!

Pe. José Pires de Almeida, C.M.
(Diretor)

QUANDO SE AMA O TRABALHO QUE SE FAZ A
CADA DIA, A VIDA SE TORNA SEMPRE UM
MOTIVO DE ALEGRIA!

PLÍNIO MENDES: PRESENÇA AUSENTE

Anamaria Prado
(A.P.M.)

Há exatamente um ano, ele brincava comigo, dizendo que para a CHAMA sair dependia só da A.P.M., e eu lhe respondia que ela sairia, em 1990, desde que ele participasse de sua elaboração.

Um ano depois... a CHAMA é publicada, com Plínio Mendes agora ausente...

A revista, por ele fundada, tem como tema a Associação da qual participou e que comemora 30 anos de existência. Estará o Plínio ausente de sua elaboração? Acredito que sua presença estará sendo sentida por todos e cada um dos articulistas, ao redigir o seu artigo, por todos os membros da família do São Vicente, ao ler a história da A.P.M., onde Plínio soube, como ninguém, defender seu estatuto, seu regimento, procurando sempre atender à comunidade.

Retorno às lembranças e busco na memória a figura dele em minha vida. Como era gostoso ir à casa de tio Plínio e tia Léa, no Edifício Monte, onde a vida palpitava cheia de amor, participação e união da família. Houve período em que a própria vida nos afastou, a convivência se desfez, mas o carinho por aquele que soube educar, sendo mestre diplomado pela vida, ficou.

O São Vicente me proporcionou o reencontro com o ser humano Plínio, ex-Presidente da A.P.M., pessoa que, durante a crise sofrida pelo Colégio em 1983, se uniu à Direção, numa vigília firme, na defesa da Instituição em que tanto acreditava e à qual tanto se dedicava.

Nesse momento, escrever sobre a pessoa de Plínio Mendes Jr. não me é tarefa fácil, sendo quase impossível separar o tio, do Presidente da A.P.M. e a sobrinha, da atual Presidente da A.P.M.. Não há como falar sem emoção, sem uma lágrima a rolar, cheia de saudade.

Uma saudade que não se define pelos laços familiares que nos une, mas por nossos encontros no São Vicente, nos diversos momentos de confraternização, na segurança de sabê-lo ali sempre, para ser consultado, para ajudar e no seu jeito carinhoso de saber dizer: "Não deixe a CHAMA apagar!"



A última vez que o vi, foi na Festa dos ex-Alunos, ano passado, já mais para outubro. Não falei com ele, mas o senti presente. Por isso, durante o período em que esteve doente, não quis vê-lo. Procurei acompanhar de longe, porque não queria ver a CHAMA de sua vida apagar-se. Um dia, ela se apagou — junho — a tristeza do São Vicente foi desencadeada num processo que me lembrou que a paz de alguns provoca angústia em outros.

Naquele momento e agora, outra vez, me pergunto: e a alegria do Plínio, e a garra do Plínio, e sua compreensão de vida tão explicitada pela sua fé em Deus, ao atuar como Ministro da Eucaristia?

Estas ficaram para nós como exemplo de que a humildade e o carinho nos levam a percorrer lindos caminhos, como ele o fazia, pedalando sua bicicleta azul por Itajubá. Gosto de imaginar o tio Plínio pedalando pelo espaço, entre as estrelas, cheio de alegria: deve estar feliz!

Bebel, filha mais nova, falou que o pai pedira para ser lembrado com alegria, porque o que mais amava era a vida, era a sensação de sentir o sol em seu corpo, era o pulsar daquele coração, que um dia lhe pregou um susto, mas que se manteve vivo, batendo a canção do amor à família, aos amigos, enfim, a tudo que o cercava e pelo que se interessava. Assim, quero lembrá-lo: Presidente da A.P.M., membro do Conselho Consultivo do Colégio, tio e grande amigo dos familiares.

Quero, mas quero muito mesmo, que esta revista CHAMA seja chama viva e aqueça a saudade que dele sentimos e a falta que fará à comunidade do Colégio. Quero, neste momento, de forma muito carinhosa, dizer a vocês que à Diretoria que tio Plínio presidiu devemos esta revista CHAMA. A ele dedico este número dizendo: A CHAMA não se apagou nem irá apagar-se, porque o sol a irá aquecer, dando-lhe vida.

O ANTE-PENÚLTIMO CAPÍTULO DE UMA HISTÓRIA

Pe. José Pires de Almeida, C.M.
(Diretor)

INTRODUÇÃO:

Por ocasião do 20º aniversário da A.P.M., em 1980, escrevi para "A CHAMA", sob o título "APM em Ritmo de Bodas de Porcelana", o esboço dos principais acontecimentos até o ano de 1977. Saiu publicado, em quatro capítulos, em os números 28, 29, 30 e 31.

Minhas fontes foram as pesquisas do pranteado Plínio Mendes Jr. nas atas da Associação, acrescidas de meus lances pessoais de memória. Após o 4º capítulo, como depois dos três primeiros, o leitor era advertido: "Continua no próximo capítulo".

Ultrapassadas as Bodas de Porcelana e atingidas as de "Pérola", aparece agora o 5º capítulo (cuja falta, possivelmente, ninguém terá sentido).

Como os que o precederam, pretende este significar apreço, gratidão, esperanças e tantos outros sentimentos nobres de que a A.P.M. do Colégio S.V.P. se tornou credora pelos 30 anos de presença, de serviço e de colaboração junto a nossa Comunidade Educativa.

1 — O final da Diretoria "Mendes Júnior":

A Diretoria "Mendes Júnior" mostrou-se muito eficiente, destacando-se por realizações de vulto, tais como: o ar condicionado nas salas de aula, a revista "A CHAMA", o registro oficial da A.P.M. no cartório de pessoas jurídicas, a institucionalização do dia do ex-aluno e tantos outros...

Permito-me voltar um pouco ao passado, para ressaltar o mérito de algumas destas realizações.

O ar condicionado — O aumento de número de alunos, a partir dos anos 69/70 ocasionou a multiplicação dos "recreios" e, portanto, do barulho no pátio. A aquisição, em 1971, do terreno-anexo, onde se encontram hoje as quadras e o ginásio coberto, não foi remédio suficiente, dado que o terreno tinha pouca superfície plana, necessitando de obras de vulto, que só se

tornariam viáveis depois de 1975. — Enquanto isso, era quase insuportável aos professores e alunos o ambiente das 18 salas de aula que davam para o pátio interno. O ar condicionado seria a medida providencial que permitiria fechar as janelas sem morrer de calor. — A A.P.M. comprou a briga; o pensamento inicial era apenas adquirir pequenos aparelhos de 2ª mão. Longa caminhada levou até a solução considerada a melhor. Assim foi feito; dezoito belíssimos aparelhos Hitachi-Line, brilhando de novos, desembarcados no Colégio e gradativamente instalados (longa história, também, a da instalação!). A intenção e o merecimento foram sem dúvida, indiscutíveis; quanto ao efeito, foi também óbvio; dezesseis anos já decorridos, aí estão eles a prestar seu quase contínuo serviço de refrigeração.

Além do alto custo, que muito onerou a A.P.M. e a administração do Colégio (a despesa com eletricidade triplicou), alguns senões só foram verificados posteriormente: a) os aparelhos são possantes demais para as salas; mesmo trabalhando no mínimo, geram clima siberiano com muitas gargantas não suportando... bastaria um deles para um conjunto de duas ou três salas; (12 teriam bastado para todas as salas!); b) a ausência de ar condicionado nas salas restantes (mais distantes do pátio) foi imediatamente considerada injusta pelos alunos; a administração teve de recorrer a aparelhos pequenos (quase sempre insuficientes) para suprir a lacuna; c) expostos à ação (inconsciente?) de depredadores, os aparelhos sofreram agressões desde o início. — Está comprovada a qualidade dos mesmos! ("Eppur si muove"!)

A Revista "A CHAMA" — Não é necessário aqui decantar-lhe a utilidade, enquanto memória escrita da casa. — Apenas duas palavras sobre o modo como nasceu e sobre sua bem tumultuada história. — Maria Célia e Ivan Bustamante eram os vice-presidentes na Diretoria Plínio Mendes Jr. e se preocupavam — ela sobretudo — com a ativação da comunidade entre Pais e Escola; honrando, antecipadamente

o diploma universitário que iria conquistar, deu-se Maria Célia, de corpo e alma, à tarefa de editar, mensalmente, a revista que o regimento da A.P.M. previra desde os anos sessenta. Graças a isso, possuímos encadernados, dois belos volumes desta verdadeira história informal do Colégio e da própria A.P.M. — Sem a presença da fundadora, "A CHAMA" não conseguiu manter o mesmo ritmo, tornando-se tão intermitente que parecia já apagada; em 1988, por exemplo, nenhum número. Não é pois, sem motivo que, para a única edição 1989 e para a presente, recorremos, novamente à competência e dedicação da verdadeira e perpétua mãe da "A CHAMA".

2 — Diretoria Figueiredo Neves:

Átila e Isis F. Neves

Casal Vice-Presidente:

Francisco Pires de Albuquerque e Maria Lúcia

Diretor de Promoções:

Marlene Lídia Bluhm

Secretários:

Alberto e Vera Moreira
Sérgio Gastão N. Coelho Gomes e Vera

Tesoureiro:

Joaquim Barata Corrêa e Leonor

Assessora:

Dinah Ribeiro Costa

Convidado a se candidatar à Presidência, o Casal Figueiredo Neves aceitou, sem relutar, certo de poder assim, colaborar com a Escola das Filhas. Eles mesmos apresentaram os casais que comporiam a chapa. Todos, pertencentes ao movimento de casais, denominado Equipes de Nossa Senhora. — Eleita, sem chapa concorrente, a Equipe estava já formada por antigos amigos, o que muito facilitou o "deslanche".

As reuniões periódicas mensais, as realizações já tradicionais de festas



juninas, natalinas, dia do professor e do ex-aluno, a presença às atividades da casa, sempre que possível, tudo isso foi o pão de cada dia desta como das precedentes Diretorias.

Os pontos de destaque foram, entre outros: a) a iluminação do campo de areia no terreno anexo; b) a Excursão ao Caraça; c) a Pesquisa do IBOPE sobre a penetração da "A CHAMA" na "Família do Colégio"; d) a modificação do estilo da própria revista; e) Grupo de Estudos de pais; f) Festival do sorvete.

Aqui vai uma palavra sobre as três primeiras:

Iluminação: a) Deveu-se à eficiência do Vice-Presidente, engenheiro eletrônico, a quem os atletas noturnos ficaram devedores da grande transformação.

A Excursão ao Caraça: b) Foi um sonho realizado; nunca é fácil, a quem é ocupado, reunir tempo, disponibilidade financeira, desejo de "fazer grupo", vontade de conhecer um pouco mais de nossas belezas históricas. Este "espírito" baixou em três dúzias de pessoas, entre membros do Colégio e das Equipes de Nossa Senhora, possibilitando o agradável convívio turístico de quatro dias através das Cidades Históricas de Minas Gerais e tendo como meta a Serra do Caraça, então já servida por rodovia asfaltada.

Mesmo não dispondo, àquela época, das instalações de hoje, o Caraça acolheu a todos com relativo conforto e muito afeto. O pormenor foi dado por um casal de pais de alunos que escolheram aquela excursão como comemoração de Bodas-de-Prata matrimoniais; na subida da Serra de Petrópolis, uma pedra atirada de fora, atingiu o ônibus à altura da janela da poltrona do casal jubilar; "milagrosamente", apesar de quebrar o vidro, foi detida pelo friso de aço — sem deixar vítimas. A Deus Graças!

A Pesquisa do IBOPE: c) A Pesquisa do IBOPE correspondeu à curiosidade (necessidade?) de saber a quantas andava a penetração da "A CHAMA" e da própria filosofia do Colégio, nas famílias dos alunos. A circunstância de ser a Equipe do IBOPE composta, em grande parte, de ex-alunos "São Vicentinos", fê-los assumir com carinho a tarefa. As respostas, àquela altura, mostraram algumas facetas não cogitadas.

Se a imensa maioria dos Pais se dizia bem informada do que se passava na Escola e em sintonia com sua proposta educativa, — resposta positiva acima de 80% — pouquíssimo era o grau de consciência do próprio comprometimento com a A.P.M. — Concretamente, 17,4% dos Pais participavam regularmente das atividades programadas pela A.P.M. — Pergunto: se-

ria diferente hoje? — 63,3% dos Pais foram incapazes de citar três realizações da última Diretoria (Plínio Mendes Jr.).

Em relação a "A CHAMA", posto que 83,3% tenham afirmado que a liam, apenas 2,7% a incluíram entre as realizações da A.P.M. — solicitados a darem sugestões em relação à mesma "A CHAMA", 74,7% nada tiveram a dizer, sendo que 26% justificaram: "porque está muito bem feita e coordenada". A sugestão que mais apareceu (8,7%) era no sentido de maior colaboração com artigos educacionais, da parte de alunos, pais e professores.

A que vinha em 2º lugar (4,7%) pedia "mais assuntos sobre as ações dentro e fora do Colégio", para incentivá-los a ler "A CHAMA" (sic!)

Atividades que (os Pais) desejariam ver desenvolvidas pela A.P.M. — (válidas hoje, 1990):

- 1 — Doação de bolsas de estudos
- 2 — Promoção de dias de estudo
- 3 — Promoção de atividades espirituais
- 4 — Promoção de excursões
- 5 — Promoção de cursos de formação para pais
- 6 — Promoção o de entrosamento de pais de diferentes níveis
- 7 — Promoções Sociais

3 — Diretoria F. Lopes:

Roberto Carlos Xavier F. Lopes e
Maria da Glória

Casal Vice-Presidente:

João Américo G. Carvalho de
Mello e Vera

Diretor de Promoções:

Eduardo José Dale Craddock e
Maria Cecília

Secretário:

Gilberto Luís J. Heilborn e
Mercedes

Tesoureiro:

Apoliano do Valle Cachada e
Cília

Assessora:

Dinah Ribeiro Costa

As características desta Diretoria, quanto à composição dos membros, assemelhavam-se às da precedente, mas sem um vínculo de amizade anterior à formação da Equipe, cujos membros não foram todos assíduos. O ritmo das promoções tradicionais continuou o mesmo. Talvez a presença da Diretoria à vida do Colégio, já deficiente no final da Diretoria anterior, tenha continuado a "deixar a desejar". — O final de 1979 foi muito marcado pela despedida do Diretor que, transferido pela Congregação para outro setor de atividades, após quase 13 anos na Direção da casa, deixava, naturalmente muitas interrogações e algumas inseguranças, o que necessariamente repercutiu na A.P.M.. Entretanto, bons números da "A CHAMA" foram produzidos, com a intervenção da Maria Célia e as festas de final de ano foram bem incrementadas.

Algumas realizações mais memoráveis:

- Festival de sorvete, repetido com êxito
- Promoção de competição esportiva entre Alunos-Pais-Professores
- Reunião com Pe. Charbonneau
- "Teatro, que é vida"

Uma palavra sobre as duas últimas:

Pe. Charbonneau (Pe. Eugenio Charbonneau, já falecido) era um filósofo/teólogo canadense, do Colégio Sta. Cruz (São Paulo), especializado em Pastoral da Juventude e da Família. Foi certamente quem, entre nós, mais aprofundou temas da moral conjugal, publicando obras notáveis que serviam de base às pregações de seus famosíssimos retiros espirituais para casais, que fizeram época... Problemas cardíacos, diabetes, "stress", numa palavra, vinham impedindo o Pe. Charbonneau de aceitar compromissos externos. Foi difícil conseguir, mais uma vez, sua presença aqui; como sempre, ele impressionou, instruiu, esclareceu. E deu à Diretoria da A.P.M. a chance de esta brilhante realização. (Cf. "A CHAMA" nº, dez. 81, pag. 12)

Teatro, que é vida.

Ainda durante o biênio Glória e Roberto, a A.P.M. foi mobilizada pela polêmica em torno da Peça "Deus e o Povo — minha ira e minha esperança", encenada a 21 e 22 de agosto de 1980, pelo grupo "Calabouço"; polêmica séria, delicada já que envolveu a própria autoridade eclesiástica, na pessoa do Bispo Auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Karl Joseph Romer. O texto fora montado a partir do que se vivia, de modo tão acirrado, há dez anos, no ambiente eclesial, alimentado pelos meios de comunicação: o antagonismo ideológico entre Igreja Conservadora (com o risco de compactuar com injustiças sociais) e a Igreja Progressista (assumindo abertamente a opção pelos injustiçados...). A encenação do texto, necessariamente incompleta, supunha o debate que desfaría ambigüidades ou incompreensões. — A polêmica terá surgido, exa-

tamente da recusa à participação no diálogo por parte dos que se escandalizaram com o texto. O resultado foi um movimento extraordinário de vida, de reflexão e, portanto, de amadurecimento, envolvendo, juntamente com os membros do teatro e a Diretoria da casa, considerável número de pais, do que resultou uma consciência mais clara de nossa Filosofia Educacional e do próprio conceito de Igreja. Parece que, mesmo à custa de grande sacrifício de alguns, em tal batalha, todos saíram vencedores.

E DEPOIS? (ou conclusão provisória).

Para quem escreve, é agradável recordar tanta coisa bonita realizada pelas Diretorias que se sucederam. Talvez não seja tão grande o prazer de quem lê! — A prudência aconselha a esperar nova oportunidade para nova dose que focalizará os mandatos de:

Aylton Luiz / Marianne Reinert
(1981/82)

João C.R. Martins e Dora (1983/84)
Benito Diaz Paret e Maria de Lourdes (1985/86)

Luiz Celso/Cidinha Baldacci (1987)
Giobert/Vera Newlands (1988)

Pedro Paulo Martins Barbosa e Anamaria (1989/90)

Exatamente, os 10 anos decorridos após as Bodas de Porcelana; anos de luta em busca da maturidade da A.P.M.; por isso mesmo, de crescimento e de muito merecimento. Ao celebrar os 30 anos da A.P.M., reverenciamos com afeto a quantos, dentro ou fora das mencionadas Diretorias, saindo de si e abrindo-se para a Escola de seus filhos, dedicando-lhe tempo e talento, demonstraram pelos gestos seu apreço à A.P.M., ao Colégio e à causa da Educação.



PROJETO SOCIAL SÃO VICENTE / CERRO-CORÁ

"Para que a educação evangélico-libertadora proclamada como parâmetro e objetivo em Puebla e Medellín não se esvazie ou se torne lugar comum, é preciso ter a coragem de assumir um processo educativo global que parta de um novo lugar social, isto é, das multidões outrora marginalizadas e desprezadas e que se oriente e vá até os novos sujeitos históricos da sociedade que emerge."

(cf. "Educação: Exigências Cristãs – nº 101)

Artur Guilherme
(Coordenador Comunitário)

Administrando os conflitos próprios de toda instituição, especialmente aquelas que assumem a Educação Libertadora como mediação de sua proposta, o Colégio São Vicente de Paulo se vinha defrontando com uma questão fundamental: não estaria a proposta filosófica do Colégio, por uma série de razões que não teríamos espaço para examinar agora, sendo distorcida no sentido de uma educação "liberalizante", gerando e legitimando o individualismo de todos os que compõem a comunidade educativa, especialmente, os alunos?

Onde estariam os sinais de compromisso com o bem comum, a abertura para a realidade que circunda o Colégio e, até mesmo, penetra-o, concretamente, por bem ou por mal? Que atividades estariam sendo desenvolvidas, sistematicamente, buscando sensibilizar o aluno e comprometê-lo com a causa dos pobres?

Não estaríamos restritos a iniciativas isoladas de boa vontade ou ao apelo constante das abnegadas Voluntárias da Caridade que, há 30 anos, desenvolvem seu trabalho de assistência, contando apenas, especialmente nos últimos tempos, com algumas mães e avós de alunos, além de outras senhoras que se dispõem a este serviço?

Persistia, portanto, a pergunta: e os alunos, professores, ex-alunos, funcionários, pais e amigos? Que gesto concreto estão fazendo ou podendo fazer para colocar em prática o valor do serviço comprometido com os mais pobres, apregoado pela Educação Libertadora?

Buscando oferecer um espaço de resposta a este apelo, surgiu o Projeto Social São Vicente/Cerro-Corá, que descrevemos a seguir.

Várias famílias atendidas, ao longo destes anos, pelas Voluntárias da Caridade, são moradoras do Cerro-Corá, comunidade que se instalou nas encostas sobre o Túnel Rebouças. O convívio com estas pessoas foi deixado claro que suas necessidades iam além daquelas que eram atendidas pelas Voluntárias da Caridade: a situação era crítica, especialmente, na área de saúde, já que os moradores têm grande dificuldade de acesso à rede pública hospitalar.

Trazidas pelas Voluntárias da Caridade, estas necessidades se transformaram num duplo desafio. Em primeiro lugar, sensibilizar a comunidade educativa do São Vicente para participar da construção e da manutenção de um Posto de Saúde no próprio morro, além de apoiar a luta para que ele seja assumido pelos órgãos públicos competentes. Em segundo lugar, fazer isto sem cair em atitudes de paternalismo, mas estabelecendo com a Comunidade do Cerro-Corá uma relação de troca, de convivência que nos permita "viver juntos" seus valores e suas riquezas.

Com tais objetivos, iniciamos as visitas à Comunidade, encaminhamos as primeiras impressões à A.P.M., a alguns professores e alunos. As respostas começaram a aparecer! A A.P.M., através do casal 1º Secretário Antoon e Maria de Lourdes Dewulf além de pais, mães e até avós de alunos, tem participado do projeto. Os alunos começam a se mobilizar, motivados por professores que já aderiram. Alguns funcionários,



moradores da própria Comunidade do Cerro-Corá, vêm se mobilizando, fazendo contatos e participando como elemento de comunicação entre o Colégio e a Comunidade. A Coordenação Comunitária, as Voluntárias da Caridade e a A.P.M. vêm divulgando e coordenando as atividades, de modo a tornar esta iniciativa uma das forças para recolocar a ação educativa do São Vicente na direção da verdadeira Educação Libertadora: aquela em que a liberdade é tarefa, enquanto coloca o homem a serviço dos outros homens (cf. Puebla 322 e DGPA nº 41) e que possibilita a plenificação da pessoa pela participação na vida da sociedade (cf. Educação: Exigências... nº 92).

Possamos, assim, com simplicidade, responder àquele insistente apelo da Igreja à Escola Católica, abrindo-nos aos questionamentos da pobreza e dos pobres, tornando a escola um "centro de irradiação", ponto de convergência e difusão de idéias e gestos geradores de uma sociedade nova.

A THEREZINHA QUE EU CONHECI . . .

Wander F. de Paula
(SOE)

Foi no início do ano escolar de 1975. Contato imediato e apresentação rápida. Disso eu me lembro e bem. Aos poucos, fui descobrindo a sua personalidade, suas qualidades, que a própria convivência ajudou a desvendar. Éramos do mesmo grupo de reflexão na Jornada Pedagógica, quando de minha primeira semana no "São Vicente".

Assim, no dia-a-dia, nas tardes de vários anos seguidos, chamavam-me atenção sua conduta, suas virtudes, como profissional e como gente. Destaco o cumprimento de seu dever com fidelidade e amor, a intransigência com o que era combinado com os alunos, o respeito aos colegas e sua valorização, o esforço e a luta no trato com a juventude vicentina..., o amor ao seu querido "São Vicente".

Muitas vezes tive oportunidade de parar um pouco com Tetê — apelido carinhoso entre nós colegas — para encaminhamento de soluções de casos de alunos, para refletir sobre a proposta educativa do Colégio e sua prática, e até para falar de coisas banais ou de casos engraçados. Sua atitude era sempre de acolhida e bom humor.

Sempre vi em Therezinha uma pes-

soa muito digna, com porte de aparente elegância, mas, de uma simplicidade que chegava até provocar brincadeiras dos colegas, na Sala dos Professores, e que eram sempre bem aceitas.

No dia de seu aniversário, ela não se surpreendia com meu telefonema. E retribuía com palavras animadoras e fortes, no meu dia e no de minha esposa. Esse intercâmbio foi constante e como valeu a pena!

Merece ênfase especial — e eu deixei, de propósito, esta referência para o final — a fé cristã de Tetê. Isto vinha à tona em todos os momentos e, posso testemunhar, jamais se envergonhou de demonstrar e confessar abertamente, o espírito que a animava, que lhe dava força e alegria e a tornava imbatível frente às vicissitudes da vida.

Creio que posso usar um texto bíblico e aplicá-lo à amiga Therezinha: "desapareceu cedo demais, mas deixou muita coisa pelo tempo", com seus exemplos, suas virtudes e ação.

"Para os que têm fé, a vida não é tirada, mas transformada". Therezinha continua presente no Colégio que ela tanto amou e que dela guarda as melhores recordações.



DONA PAULA - 30 ANOS NO COLÉGIO

João Carlos
(Coordenador Comunitário)



1) Desde quando você trabalhou na Secretaria do Colégio?

R) Desde o início do Colégio, 1º de fevereiro de 1959.

2) Este ano, além de você quantas pessoas estão se aposentando?

R) Talvez a Dequinha (Araciema do Audiovisual), a Lêda (da Secretaria) e a Dna. Alice (da Portaria).

3) E agora, como pretende usufruir esta nova etapa?

R) Eu estou indo para uma casa, construída com muito sacrifício, no Nordeste, em uma praia. Eu tenho a expectativa de que isso será muito bom para mim.

4) Como era o seu trabalho no Colégio São Vicente de Paulo?

R) Eu trabalhava de manhã à noite pois em dois dias da semana eu também atendia o Curso Supletivo de 19h e 30min. às 21 horas. E era um horário pesado, mas eu o levei durante esses trinta e um anos. O meu trabalho era

muito burocrático e talvez por isso não tenha tido chance de participar de uma forma mais social no Colégio, quer em relação ao alunos, professores e funcionário, quer em relação às Voluntárias da Caridade.

5) A introdução dos computadores para o trabalho da Tesouraria e Secretaria chegou a assustar alguém no seu setor?

R) É, no início se pensou que o computador substituiria todos os funcionários, mas nada disso ocorreu. Eram só boatos! O que agitou muito a Secretaria foram os Cursos Profissionalizantes que eram um verdadeiro Colégio dentro de outro. Com o término desses cursos é que houve uma rearrumação na Secretaria.

6) Do que você tem mais saudades em relação ao Colégio São Vicente de Paulo de tempos passados?

R) Eu sinto uma grande saudade é da Festa Junina que havia antigamente em que participavam todos os segmentos do Colégio.

7) E da atualidade? Algum destaque?

R) A Festa de Natal do Colégio, particularmente a do ano passado, na qual participou a Dairene com sua filhinha recém-nascida e o marido que representaram o nascimento de Jesus. Foi muito emocionante!

8) Você tem dois filhos. Eles estudaram aqui?

R) Sim, o Júlio Reynaldo e a Ana Paula. Eles sempre estudaram aqui, desde a alfabetização até o 3º ano do 2º Grau. Hoje o Júlio está formado em Análise de Sistemas e a Ana Paula tentou a Faculdade de Psicologia para tentar Medicina.

9) Em relação a sua saída do Colégio, como foi?

R) Eu saí em 28 de junho deste ano e para minha surpresa todos os setores da Casa participaram de uma festa feita em minha homenagem. Eu fiquei muito contente.

FESTA JUNINA – A MESMA GRAÇA DE TODO ANO . . . SEMPRE DIFERENTE

Marlene
(Coordenadora – 1º Grau)

Não sei se foi mais gostosa a festa ou a preparação da mesma. As mães colaboradoras entre laços, papel crepon e trabalho montaram o Arraial dos Pequeninos. O entusiasmo com que compravam prendas, fabricavam flores, empacotavam presentes emprestou às tardes no São Vicente uma nova "nuance" de Alegria e Amizade.

Todos ajudaram. O Joaquim, da zeladoria, organizou os "comes e bebes", no almoxarifado, imerso em prendas, bolas e flores, doído procurou peixinhos, bolas de meia e os etc...

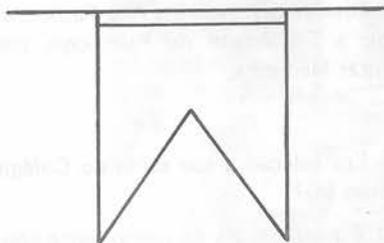
As salas de música e de aula se transformaram em "lambaterias" ensaindo a dança da festa.

Enfeite pra cá, prenda pra lá! E... cozinha canjica (só a Bahiana é que faz tão gostosa) e... descasca milho e tempera o molho do cachorro quente e coloca bandeirinhas!... Que vida!

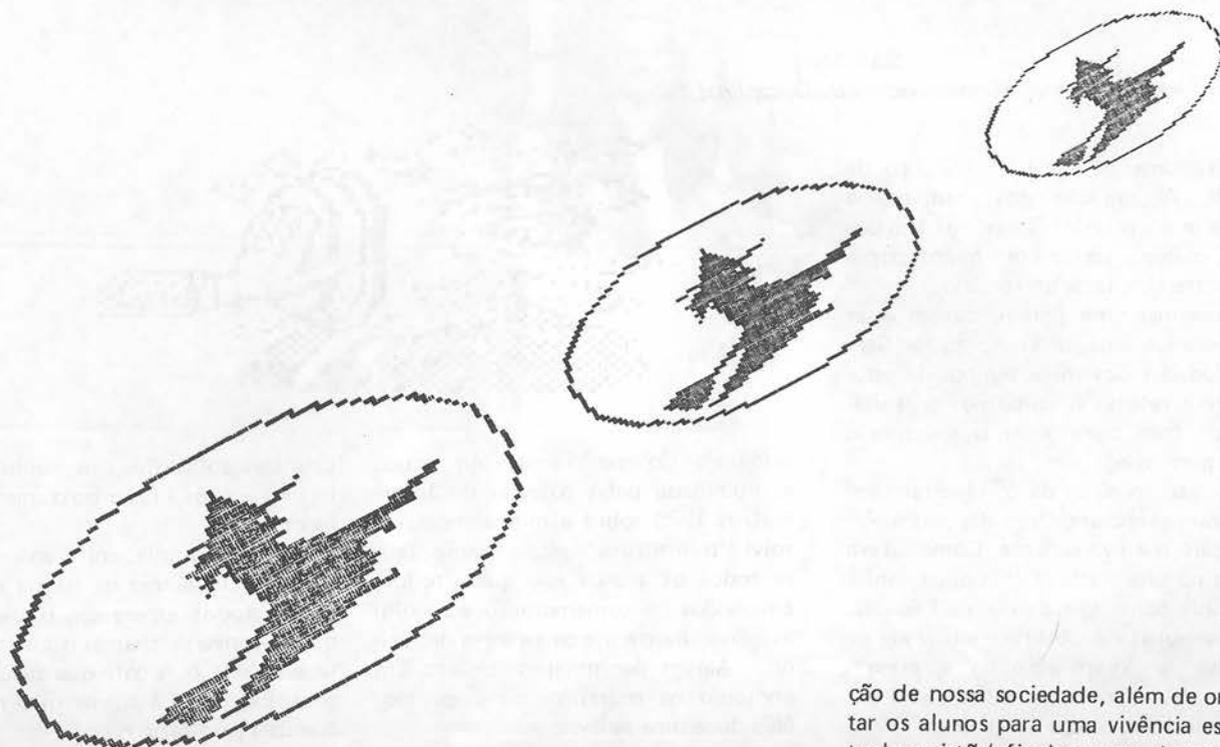
No dia as turmas chegaram. Bigodes pintados, caipirinhas lindas revelando o capricho das mães que também pintaram sardas e fizeram laços, babados e tranças.

Mas só mesmo quando a música caipira começou, sob o comando da Tia Dequinha, é que o coração ficou pulando. Os olhos, dançando pela festa, buscavam registrar o colorido da Alegria, a felicidade da garotada, o sorriso das mestras e a competência das mães, ágeis nas suas tarefas. E não é que tudo deu certo?

Foi feito com Amor!



PRAGA DE MÃE PEGA?



Patrícia Rubim (SOE)

Terça-feira de manhã, hora do recreio dos professores do 1º Grau, conversávamos sobre a dificuldade em educar filhos. Trocávamos reminiscências infantis. Todas (só as mulheres falavam) tinham ouvido frases de suas mães do tipo: "Você há de ter uma filha como você!" "Você vai ver o trabalho que seus filhos vão lhe dar!" "Seus filhos vão fazer você sofrer como eu sofro!" Depois de decidirmos que, definitivamente, praga de mãe não pega, concluímos que a grande "vingança" é ser avó: simplesmente amar, sem compromissos maiores em educar e invejamos a Kedma, que já tem um neto encomendado. Nosso papo seguia entre que nostálgico e meio desesperançado, até que alguém, num momento de grande inspiração irônica, me disse: "Se a psicóloga fala assim e sente também essas coisas, eu fico aliviada!"

Desde sempre foi difícil ser mãe, imagino que nos dias de hoje seja um pouco mais complicado. Às vezes eu

"devolvo" a praga e digo pra minha mãe: "Eu queria ver você ser mãe dessas crianças..." Dá trabalho saber como foi o dia no Colégio, perguntar pelos deveres, se a prova foi difícil ou fácil, ter certeza pra casa de que amigo o filho foi e abrir mão de alguns programas, porque temos que buscar uma turma numa festa no meio da noite. Isto, fora lembrar de colocar o aparelho nos dentes e os óculos! Sobretudo dá muito trabalho discutir os valores e os princípios que acreditamos válidos e os que rejeitamos. É duro dizer não. Não queremos ser autoritários e, sem perceber, muitas vezes abrimos mão de exercer a autoridade que nos compete como pais. Para não oprimir, corremos o risco de nos omitir.

Os pais estão perplexos e a escola, como está? Sem nenhuma ousadia, diria que a escola está sobrecarregada. De repente, além de transmitir o conteúdo de ciências, geometria, português; além de se preocupar em formar jovens envolvidos com a transforma-

ção de nossa sociedade, além de orientar os alunos para uma vivência espiritual e cristã (afinal se trata de um Colégio Católico), os educadores da casa têm que fazer muito mais... O pior é que não se trata de fazer "muito mais" com os pais. Quantas vezes ouvimos de nossos alunos: "Não vim de uniforme porque a empregada não lavou"; "Não fiz o dever porque fui dormir na casa de meu pai". Em determinadas ocasiões saímos com nossos alunos para um teatro e com tristeza observamos atitudes absolutamente inadequadas. O que podemos fazer frente a um aluno que em pleno setembro ainda não tem um determinado livro didático? Como intervir em relação a um casal, que mesmo separado, quer colocar a escola como "juiz" em relação às questões de seu filho? Nesses casos é fazer "muito mais" no lugar dos pais! Gradativamente estamos chegando à conclusão que esta tarefa é irrealizável. A escola, enquanto instituição, tem um limite, se tentarmos ultrapassá-lo, além de onipotentes, seremos ingênuos.

Desde sempre foi difícil ser educador, mas como temos ainda a convicção de que entre a dificuldade e a impossibilidade existe um caminho, teimosamente, continuamos na estrada. E o que nós educadores mais desejamos, é ter os pais de nossos alunos como companheiros de jornada.

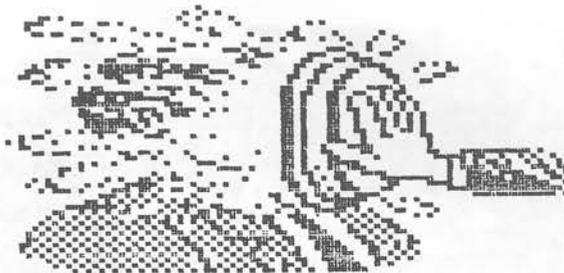
A "OVADA": UMA PRÁTICA DE TRANSFORMAÇÃO

Sueli Mia
(Coordenadora de Disciplina)

Era uma 5ª feira de outubro de 1989. A agitação dos meninos da 6ª série era grande! O motivo? Um dos seus colegas, certamente muito popular entre eles, fazia aniversário.

Ingenuamente pensei: devem estar preparando uma surpresa para ele. Senti saudades dos meus tempos de estudante e relembrei como nos organizávamos para comemorar o aniversário de algum colega.

É... os meninos da 6ª série também estavam preparando um dia inesquecível para o aniversariante. Como eu era nova na casa e estava um pouco confusa sobre como agir, dentro da Filosofia Educacional do Colégio, resolvi acompanhar a "preparação da surpresa". Surpresa fiquei eu ao saber que a homenagem ao colega seria uma "OVADA", acompanhada de uma "FARINHADA" marcadas para a hora da



saída do Colégio. Pensei um pouco e, iluminada pelas palavras do Informativo 1989 sobre a minha mesa, resolvi "transformar" essa situação: reuni todos os alunos (ou quase todos) envolvidos na comemoração e recolhi as caixas de ovos e os pacotes de farinha. Alguns perguntaram se levariam anotação na caderneta ou suspensão. Não disse uma palavra.

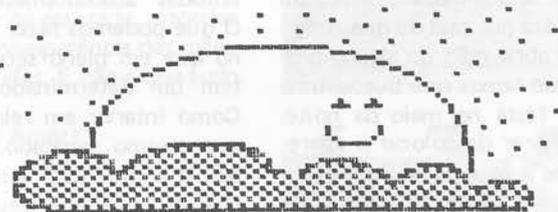
Tive uma grande idéia! Levei o material apreendido para casa e, como

uma das aplicações que conheço para farinha e ovos é fazer bolo, meti a mão na massa.

No dia seguinte, entrei solenemente na sala. O silêncio da turma era profundo, todos esperavam o pior. Sem muita conversa chamei o aniversariante e dei-lhe o pacote que trouxera de casa. Expliquei à turma qual material que usei para fazer o bolo.

Todos cantamos "Parabéns pra você".

"JULHO QUE TE QUERO FÉRIAS"



Artur Guilherme
(Coordenador Comunitário)

Um dos problemas vividos pelos pais durante as férias de julho é a ocupação do tempo de seus filhos. Tradicionalmente, as "férias familiares" costumam ser tiradas no verão e os pais, especialmente os mais ocupados, não têm como responder àquela necessidade dos filhos, restando-lhes, muitas

vezes, apenas a "companhia" da televisão ou dos programas, sem muitas novidades, com os vizinhos e amigos...

Neste contexto é que surge o grande valor das Colônias de Férias, que vêm sendo descobertas e freqüentadas pelos alunos e amigos...

No último mês de julho, a Coordenação

Comunitária trouxe para o Colégio o programa "Julho Que Te Quero Férias". Este programa, através de atividades de cultura e lazer orientado, propiciou aos nossos alunos o crescimento, não apenas pessoal, mas, sobretudo, a ampliação do seu círculo de relações, já que se integrou, na sua execução, alunos de diversas turmas, até então desconhecidos entre si.

A alegria foi uma constante, estampada no rosto dos alunos e dos educadores da equipe "Julho Que Te Quero Férias".

A satisfação de todos pôde ser constatada na avaliação feita pelos alunos com suas famílias: a "Colônia de Férias", por tudo o que consegue proporcionar, é um momento inesquecível para todos os que dela participam. E é, no dizer dos pais, uma atividade que não pode faltar a um Colégio do porte do São Vicente, pelas múltiplas oportunidades de socialização que proporciona.

O TEATRO INFANTIL



Lurdinha (SOE)

A idéia do Teatro Infantil surgiu no Colégio São Vicente de Paulo há três anos, graças ao empenho do Professor Lauro, que acreditava entusiasticamente neste projeto.

Era um desafio trabalhar, fora do horário escolar, com um grupo de crianças muito diferentes, porque elas assim o são: barulhentas, brincalhonas, umas tímidas, outras muito falantes.

O esforço valeu. Atualmente, o professor "não chega para as encomendas". Todos vibram ao verem os atores-mirins entrando em cena, encarnando personagens, texto decoradinho, fazendo humor, terror, romance. Lá estão os heróis dos contos de fadas, os artistas de televisão, a ironia do cotidiano, os bruxos vivenciados pelos meninos e despertando o interesse de seus colegas que riem, se espantam, torcem e, finalmente, os aplaudem com admiração.

Para se alcançar tal resultado, é necessário criar condições de sensibilização, expressão oral e corporal, concentração e interação criativa com a equipe. Os jogos dramáticos desenvolvem nos alunos estas habilidades. Acompanhamos com alegria a desinibição daquele garoto sempre tão calado, a presteza do outro muito desorganizado, a vivacidade, a espontaneidade, a esper-teza em recuperar o que saiu fora de hora.

O professor se desdobra tocando piano, sintonizando o gravador, projetando imagens, providenciando acertos no cenário, já confeccionado sob sua orientação.

Muita emoção marca o momento em que a peça infantil se torna realidade. Algo de muito especial está acontecendo na escola.

PÁSCOA: DESAFIO E TESTEMUNHO

*Equipe do SOE
(1990)*

No final do 1º semestre recebemos a proposta de participar da celebração da Páscoa no Colégio, organizada pela Equipe de Pastoral.

O próprio convite, estampando em sua capa, recortes de notícias de jornais, nos alertava sobre o crucial momento que estávamos vivendo. Ficou então, no ar, a seguinte questão: há clima e mobilização para a realização de nossa Páscoa? Estariam as pessoas desejosas de em meio a tanta crise, viver a Páscoa no São Vicente? Ou ainda: há o que celebrar? Além do mais, era o último dia de aula do 1º semestre e todos os profissionais da casa estavam ainda sob o impacto da correria que antecede as férias.

No entanto, o Pe. Almeida, com sua tenacidade, insistiu e investiu para que a Páscoa fosse realizada, não importando o número de pessoas que pudessem aderir. E podemos dizer que valeu a pena. Poucas vezes vimos nesta Comunidade uma tão expressiva manifestação de fé e de esperança. Realmente estávamos celebrando uma passagem e tínhamos o que celebrar!

A organização do local da cerimônia nos possibilitou um primeiro motivo de congraçamento. As cadeiras estavam arrumadas em círculo em torno da mesa que se fez, liturgicamente, altar, por nossas mãos.

Sentamos um ao lado do outro e fomos nos sentindo, progressivamente, mais próximos e unidos.

Foi sinal de Páscoa o nosso encontro. Foi sinal de Páscoa a nossa disponibilidade em realizá-la. Foi sinal de Páscoa nos confraternizarmos no São Vicente. O texto de São Paulo nos falava de comunidade "o corpo é um só mas muitos são os membros..." "apesar de serem muitos, todos formam um só corpo". Enfim, foi sinal de Páscoa participarmos integralmente, sem reservas, da Missa presidida por Pe. Almeida e que nos reuniu de forma tão envolvente.

Nós nos demos conta destes sinais de Páscoa e a eles se associaram aqueles que foram registrados em mural e se tornaram objeto de nosso ofertório:

- A recuperação de José Eugênio e a coincidência de aniversário de seu acidente.
- A garra da Heloisa frente às dificuldades, um exemplo de coragem.
- A busca da unidade entre os professores do 2º Grau.
- Os nascimentos dos filhos da Graça e Denise.
- Os casamentos dos filhos da Wilka e Kedma.
- A chegada do Artur.
- O trabalho do Cerro-Corá.
- A pós-graduação da Márcia.

— A participação de vários professores da Escola em chapas do Sindicato e tantos outros...

Estes passos coletivos ou individuais, essas travessias sofridas e vitoriosas teceram uma grande rede de solidariedade entre nós.

Para onde estamos indo? É a pergunta. Páscoa é passagem. Qualquer que seja o futuro, passaremos por ele, atravessando o presente no qual tentamos atuar, transformando-o.

Ao final da cerimônia, raminhos de sempre-vivas foram trocados entre nós, que tínhamos assim, como fazer prolongar a lembrança desta Páscoa.

Por termos vivido tudo isto, por termos podido debater a situação em que se encontra a mulher em nosso país, refletindo sobre a palavra do Senhor e de nossos irmãos, por termos tido ocasião de partilhar o alimento e a alegria do convívio com os nossos companheiros de trabalho, agradecemos à equipe de Coordenação Comunitária a oportunidade de participar de momentos tão ricos e agradáveis. Nosso agradecimento também ao Pe. Almeida que nos traz sempre, tão naturalmente, este clima de religiosidade e fraternidade que emana de sua pessoa.

Nossa Páscoa foi uma bela celebração de Vida e de Ressurreição no São Vicente.

ARTES PLÁSTICAS NO 2º GRAU

*Sueli de Lima e Sheila Dain
(Grupo de Artes do CSVP)*

Este ano, o curso de Introdução às Ciências Humanas (ICH) tem, nas artes plásticas, uma de suas novas opções. Mas será que as artes plásticas fazem parte das Ciências Humanas? Será que a arte pode auxiliar o adolescente a compreender a sociedade em que vive?

Entre a produção artística e o universo que nos cerca existem laços estreitos. A estética penetra em nossos atos e pensamentos, refletindo-se em nossas atividades fundamentais.

"Uma obra de arte não é, nunca, o substituto de outra coisa; ela é, em si, a coisa, simultaneamente significativa e significada... Não é um duplo de outra forma, mas verdadeiramente o produto de um dos sistemas através dos

quais a humanidade conquista e comunica sua sabedoria enquanto realiza suas obras, ao mesmo tempo" (Pierre Francastel).

Sabendo que o processo de criação artística implica num sistema de pensamento próprio e que, como a matemática, o pensamento plástico utiliza códigos irredutíveis a outra linguagem, pretendemos, em nosso curso, que o aluno:

- Entre em contato com a arte do seu tempo, percebendo-a em sua pluralidade e em sua interação com o cotidiano formador da história.
- Estabeleça relações entre seu trabalho e a história da arte.

— Exercer o pensamento plástico, pesquisando, inventando e descobrindo sua própria linguagem, enfrentando, para isso, dificuldades como:

- Escolher, a cada momento, entre infinitas opções de materiais, cores, volumes, significados etc...
- Lidar com o inesperado, pois a construção da linguagem é um processo de investigação não programado.

A educação artística que propomos não visa transformar o aluno num artista, mas ampliar suas possibilidades de interferência no mundo e sua consciência de como esse mundo interfere em nós.

TRABALHAR NO SUPLETIVO

DEPOIMENTOS SOBRE O COLÉGIO ALUNOS DAS 5.^a E 6.^a SÉRIES DO SUPLETIVO

Maria Concetta C. Lamori
(Professora — ex-aluna — 1972-1981)



A esperança de trabalhar aqui, no Colégio São Vicente de Paulo, sempre permaneceu em mim. Se você achar que é só porque segui a área do Magistério, não é! Todos os ex-alunos que encontro falam do Colégio e da Direção com saudade.

Isto é simples! O relacionamento que existe neste Colégio não há em lugar algum. Baseado na filosofia de liberdade com responsabilidade, cada setor do Colégio funciona independente ou não, formando um sincronismo perfeito.

O Supletivo que compõe uma dessas partes é onde me encontro. Destinado a trabalhadores que, normalmente, são discriminados socialmente e economicamente, funciona com o objetivo de conscientizar e socializar estes alunos.

É uma tarefa bastante difícil. Uma coisa é trabalhar com criança ou um adolescente, informá-los e prepará-los para um amadurecimento progressivo; outra coisa é ter como aluno, adultos que já são maduros e passar estas informações que já vêm com conceitos pré-moldados erroneamente.

Mas me sinto privilegiada por ser parte integrante deste Colégio, principalmente, quando vejo em cada olhar e em cada gesto de meus alunos e de meus colegas de trabalho, um brilho de vida.

Afinal, qual é o nosso objetivo neste mundo, senão o de ajudar ao próximo e de viver em paz, com tranquilidade, dentro da nossa liberdade. E é assim que me sinto dentro do Colégio São Vicente de Paulo: na minha, na nossa casa!

Depoimentos sobre o Colégio
Alunos das 5.^{as} e 6.^{as} séries do Supletivo

Lúcia
(Professora-Supletivo)

"É um Colégio que sabe valorizar o próprio aluno." (Maciel)

"Posso dizer que tenho grande orgulho de estudar aqui. Quero terminar o 1.^o Grau e voltar depois como professora, para dar aula para este Supletivo, que é tão bonito!" (Iracema)

"Muita gente que está aqui no Colégio é carente até de amigos. Aqui no São Vicente, a amizade entre professores e alunos é algo muito especial." (Maria Lúcia)

"Este Colégio representa tanto para mim que o coordenador, os professo-

res e os colegas são como se fossem a minha família." (Maria Luiza)

"A Diretoria vem agindo com grande competência no sentido de fazer o melhor para o aluno. Isso me gratifica muito." (Edeval)

"Trabalho demais. Certos dias venho para o Colégio mais morta do que viva. Tenho fé em Deus que minha vida vai melhorar. Quero vencer. Gosto muito daqui: porque sou tratada como gente." (Antonia)

"Pelo pouco tempo que estou nesta escola, sinto muita diferença, no que se refere ao ensino e à organização como um todo. E isso, cada vez mais, me faz acreditar nesta proposta de ensino." (Márcia)

"O Colégio São Vicente está de parabéns, por ter criado o Supletivo; para que as pessoas que trabalham durante o dia, possam ter a oportunidade de aprender e ao mesmo tempo ter a mente aberta para enfrentar o mundo lá fora." (Marisete)

"O ensino é quase de graça. É o lugar onde eu encontro meus amigos. Os professores são excelentes e o coordenador e os padres nos ajudam em tudo. O nosso supletivo já alfabetizou muitos brasileiros. Parabéns, São Vicente!" (Maurício)

"Aqui: tenho ensino, orientação, amigos e principalmente aprendo a encarar a vida com mais seriedade. Dos nossos professores recebemos além da matéria, todo o tipo de orientação." (Vânia)

"Eu sei que um dia terei que deixá-lo, mas será com muita tristeza, pois adoro estudar aqui." (Célia)

"Eu sinto que tenho muita dificuldade para aprender a matéria, mas não culpo os professores. Vou continuar lutando!" (Maria da Conceição)

"Quando encerramos o semestre, temos uma missa linda, cantada. E os padres ainda nos aconselham nas horas difíceis da vida." (? — não se identificou)

"É preciso luz para mim. Estou aqui: para que possa ter um amanhã mais digno." (Geraldo)

ALUNOS DO SÃO VICENTE "INVADEM" A FIOCRUZ:

FIOCRUZ: A VISÃO DOS ALUNOS:

Zacarias
(Coordenador – 2º Grau)

Este ano (1990), o Colégio São Vicente de Paulo tornou-se participante do Programa de Vocação Científica da Fundação Oswaldo Cruz, ao lado de renomados Colégios do Rio de Janeiro tais como o Pedro II, Aplicação da UERJ e Aplicação da UFRJ. E isto muito nos envaidece. Em primeiro lugar porque o Programa é da FIOCRUZ (Fundação Oswaldo Cruz), instituição séria de pesquisas básicas e de ponta, que vem apresentando estudos e contribuições significativas e relevantes para o desenvolvimento científico mundial; em segundo lugar, porque de imediato, os 10 alunos que apresentamos, sete foram selecionados (tínhamos o oferecimento de apenas quatro vagas), dada a qualidade e potencial acadêmico dos alunos que lhes enviamos para rigoroso processo de seleção.

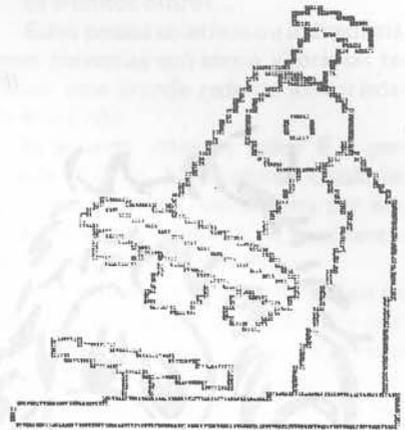
O Programa de Vocação Científica se concretiza no interior dos laboratórios da FIOCRUZ, onde os alunos vivenciam o trabalho científico, tendo, como orientadores, pesquisadores famosos. Nossos "cientistas juvenis", uma vez por semana, durante um ano, observarão e executarão trabalhos nos laboratórios de Micologia (Cecilia Oliveira Barbosa, 1º D); de Helminologia (Gustavo F. Jauregui, 1º A); de Produção/FAR – Manguinhos (Helena F. Siqueira, 1º A); de Bacterologia (Ivana da C. Lyra, 1º D); de Reagentes (Luciana de B. Dantas, 1º A); de Desenvolvimento Tecnológico – Biomanguinhos (Niuxa D. Drago, 1º D) e de Biologia (Suzana C. Vaz, 1º A). Com base em suas próprias anotações e leituras, sugeridas pelos orientadores, farão relatórios para a Coordenação do Programa, que poderão chegar à reunião anual da SBPC e até serem apresentados em Congressos de jovens cientistas.

Mas, para o Colégio São Vicente com sua proposta de Educação para a libertação, este sucesso deve ser apenas motivo de absoluto entusiasmo, de envaidecimento? O nosso objetivo alcançado ao aprovarmos alunos excelentes em exames classificatórios? A resposta negativa parece óbvia, quando nossa intenção ultrapassa a simples aprovação de alunos em determinadas instituições e os proveitos que podemos tirar disto. O que queremos é transformar a realidade em que vivemos construindo uma sociedade de justiça, fraternidade, igualdade e comunhão. Neste sentido, ter alunos capazes de fazer a crítica da realidade que historicamente está sendo construída e, ao mesmo tempo de penetrar no espaço do "saber competente" (que não é o espaço das classes subalternas) e de participar dele, adquirindo condições de alterar o senso comum, é e deve ser sempre um de nossos objetivos educativos fundamentais.

Nossa sociedade hoje, que vive prolongando período de transição para a democracia, precisa que se desenvolva e que se comprove a competência para superar as permanências mágicas do senso comum. Isto é, hoje, além do processo de libertação, é preciso já a competente interferência transformadora e realizadora da sociedade de homens com iguais possibilidades em todos os campos da vida.

Vamos torcer muito para o Programa se consolidar e dar bons resultados. Que nunca seja vítima, neste governo e nos próximos, da falta de recursos; ou, pior ainda, de atos mortíferos editados para reduzir as despesas públicas decretando a morte de programas culturais e científicos sérios, de consagrada relevância e significância para a sociedade brasileira.

Aos nossos alunos, nossos maiores votos de sucesso e de muito proveito neste programa. Ao nosso professorado, parabéns pelo trabalho na formação deles.



FIOCRUZ: A visão dos Alunos:

A fundação Oswaldo Cruz vem, há alguns anos, abrindo importantíssimo espaço para a descoberta de novos talentos científicos. Este ano, o Colégio São Vicente foi convidado a participar do programa e a nós foi dada esta rara oportunidade.

O espaço aberto é amplo. Somos sete alunos estagiando, cada qual em um dos seguintes departamentos: BIOLOGIA (laboratórios de Esquistossomose), MICOLOGIA (fungos), HELMINTOLOGIA (vermes), FARMANGUINHOS (pavilhão de produção de medicamentos farmacêuticos), BACTERIOLOGIA, REAGENTES e DESENVOLVIMENTO TECNOLÓGICO (esses três últimos em BIOMANGUINHOS, setor responsável pela pesquisa e produção de soros e vacinas).

Este programa nos beneficia, não apenas ao nível acadêmico e profissional (todos os alunos ligados ao estágio visam a área biométrica) mas também ao nível ideológico. Todos sabemos das condições da área de saúde e pesquisa em nosso país, e isso nos faz salientar ainda mais a grandeza de um projeto que coloca estudantes em início de processo de aprendizagem frente a reconhecidos profissionais e às diversas técnicas de uma instituição deste porte.

Se todas as instituições científicas, ou até mesmo de outras áreas, criassem oportunidades como essa, o país inteiro lucraria com o florescer de novos talentos e o conseqüente progresso em setores vitais para o nosso país.

A IMPORTÂNCIA SOCIAL DO DESPORTO. COMPETIÇÃO A NÍVEL ESCOLAR

Paulo

(Coordenação – Educação Física)

É necessário, em vista dos objetivos educacionais, que o desporto nos conduza a compatibilizar competição com recreação, descontração, socialização e confraternização. É sempre importante o trabalho dos educadores e orientadores a fim de evitar que a competição possa vir despertar acirradas rivalidades, "stress" emocional, violência ou qualquer tipo de fanatismo indesejável ao processo educacional. Assim sendo, para que haja perfeita harmonia entre as metas, às quais o desporto se propõe atingir com a competição, é imprescindível que esta venha em auxílio das atividades desportivas. Quando bem direcionada, poderemos tirar elementos valiosos tais como: busca leal da vitória, aceitação dos reveses e deles procurar "tirar lições" para o futuro, perseverança, convívio fraterno com seus companheiros, enfim, a competição dá oportunidade a que os fins educacionais do desporto sejam atingidos.

No 2º semestre, realizamos as competições desportivas do Colégio São Vicente. A nível interno, a Olimpíada é o ponto culminante do processo onde procuramos incentivar a participação do maior número de alunos possível. Na Olimpíada Interna, temos a preocupação de que as competições se baseiem nas atividades desenvolvidas durante as aulas de Educação Física e Recreação, para que os alunos valorizem a prática dessas atividades. Temos, este ano, as seguintes modalidades:

- A nível de 1ª a 4ª série: Futebol, Queimado, Bola ao cesto e Corrida de revezamento.
- A nível de 5ª a 3ª série do 2º Grau: Futebol, Handebol, Basquete, Vôlei, Pingue-pongue e Corrida de revezamento.

Sabemos que são dias de intensa competição, de uma riqueza muito grande no processo educativo, onde a conduta moral, desportiva, social e de solidariedade será colocada à prova durante todo o tempo. É fundamental a interiorização de que numa competição, a nível escolar, é muito mais importante a participação do que a vitória e, quando acontecer a derrota, ela

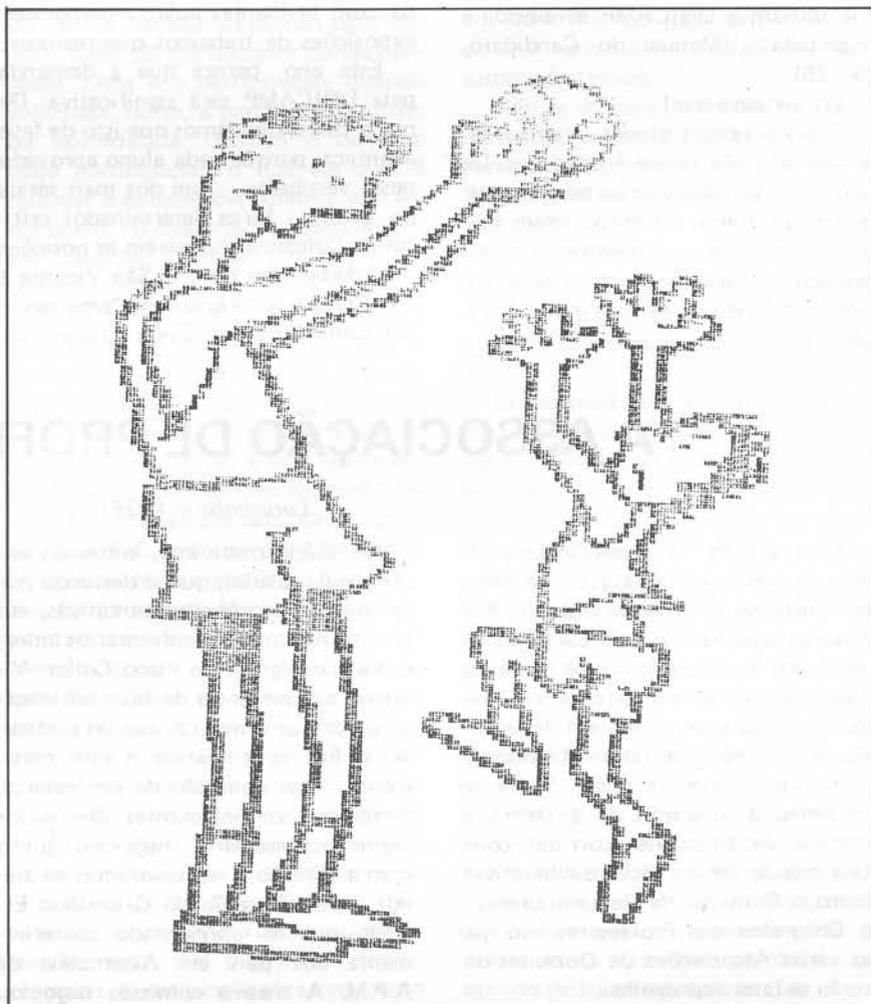
deve ser encarada como fato normal na vida de qualquer competidor, não precisando, por isso, achar culpados por ela (tais como: erros de arbitragem, erros individuais, erros do regulamento, etc.).

Contamos com a colaboração dos Grêmios na doação dos troféus colocados em disputa. Desde o ano passado adotamos o critério de que a premiação deva ser simbólica (1 troféu para a bandeira vencedora de cada série) pois achamos que a maior premiação é o prazer de participar.

Já a nível externo, participamos do 8º Intercollegial Dan'up. Estivemos representados pelas equipes de Vôlei masculino e Basquete masculino na

categoria livre não federada (até 18 anos); pelas equipes de Handebol feminino e Basquete masculino na categoria jovem não federada (até 15 anos) e acompanhados de 2 professores. A abertura do 8º Intercollegial se deu no dia 2 de setembro, às 10 horas, no Colégio Salesiano Santa Rosa, em Niterói. Também a nível externo, mantemos a filosofia de total respeito às regras e de que a vitória não deve ser conseguida a qualquer preço.

Nosso pensamento é de que, quer a nível interno, quer a nível externo, os jogos competitivos fazem parte importante do processo de formação da personalidade do jovem.



"OPINIÕES" SÃO VICENTE NA UNICAMP

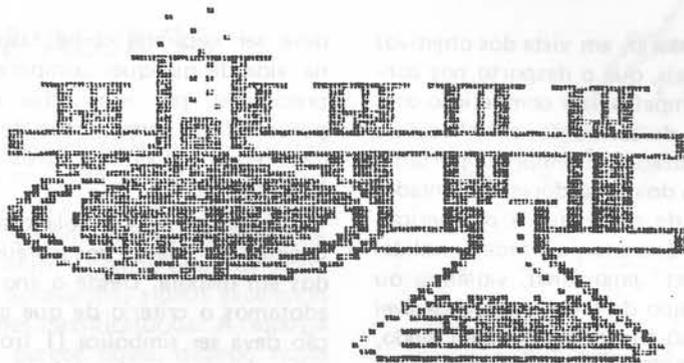
Zacarias
(Coordenador - 2º Grau)

Nos dias 13, 14 e 15 de setembro nossos alunos realizaram uma excursão a Campinas-SP, motivados pela perspectiva de prestarem vestibular na UNICAMP (Universidade Estadual de Campinas). A viagem foi feita em dois ônibus com cerca de sessenta alunos do 2º Grau.

A expectativa de todos era grande, proporcional à propaganda que a própria Universidade faz de si mesma: "A qualidade de formação oferecida pela UNICAMP tem muito a ver com a estreita relação que mantém entre ensino e pesquisa. Tem a ver também com o fato de que 80% de seus docentes atuam em regime de tempo integral e dedicação exclusiva. Isto significa que os professores que vão às salas de aula são os mesmos que, nos seus laboratórios, desenvolvem as pesquisas que tornam a UNICAMP conhecida e respeitada". (Manual do Candidato, pág. 25).

Era ver para crer!

Quando nossos alunos viram os laboratórios, não houve frustrações. De fato, além de laboratórios bem equipados e em funcionamento, viram pesquisadores sérios, empenhados e, sobretudo, entusiasmados com seus trabalhos, falando deles com muita vibração.



Aliás, isto precisa ficar bem registrado aqui: todos ficaram encantados com a atenção que receberam no "campus". Cientistas, compenetrados e ocupadíssimos, contagiaram a garotada com brilhantes aulas e demoradas exposições de trabalhos que realizam.

Este ano, parece que a demanda pela UNICAMP será significativa. De nossa parte, desejamos que isto de fato aconteça, porque cada aluno aprovado neste vestibular — um dos mais sérios do Brasil — força determinados críticos do Colégio a reverterem as posições infundadas que têm. O São Vicente é um Colégio vitorioso em Campinas e tem contribuído para que o Estado do

Rio de Janeiro aprove e matricule mais alunos que toda a Grande São Paulo.

Ano passado já foi assim. Nossos alunos que se inscreveram para o vestibular da UNICAMP foram aprovados e estão freqüentando seus cursos: Daniela Waldeck Villas Boas, Eduardo Gueron, Flávia Bellintani R. Falcão, Janaína F. Sala, Maria Elisa Werlang F. Costa Couto e Tatiana Cerveira.

Em tempo: a aluna Maria Elisa (6ª colocada na UNICAMP) preferiu cursar História na PUC-RJ, onde foi a 1ª colocada e ganhou, como prêmio, isenção de mensalidades durante todo o curso.

A ASSOCIAÇÃO DE PROFESSORES

Lourdinha - (SQE)

Para atender à especificidade de seus interesses, muitas vezes se falou em organizar uma Associação de Professores aqui no Colégio São Vicente de Paulo. Este anseio foi se tornando real, a partir de um processo de amadurecimento que se deu em decorrência de uma série de fatores favoráveis.

Recentemente, o nosso Sindicato procedeu à alteração do Estatuto e, entre as modificações ocorridas, consta a criação de instâncias deliberativas, como o Conselho de Representantes e o Congresso dos Professores, em que as várias Associações de Docentes deverão se fazer representar.

No início deste ano, entramos em campanha salarial, que se destacou por ser uma das primeiras tentativas, em âmbito nacional, de enfrentar os ameaçadores desígnios do Plano Collor. Vivemos a experiência da mais prolongada greve que atingiu as escolas particulares. Em continuidade a este movimento, uma comissão de professores, composta por integrantes dos vários segmentos escolares, negociou, junto com a Direção e representantes de alunos, a reelaboração do Calendário Escolar, que foi apresentado posteriormente aos pais em Assembléia da A.P.M. A mesma comissão negociou

com a Direção o pagamento das parcelas de nosso reajuste em atraso.

A idéia da Associação assim se fortaleceu e surgiu como reivindicação dos professores em conjunto. Elegemos, então, outra comissão para preparar o projeto do Estatuto. Contamos com a presença e a participação ativa de todos na solidificação deste projeto que, além de ser um passo importante na defesa de nossos interesses, contribuirá, indubitavelmente, para o engrandecimento de toda comunidade vicentina.

AINDA, A FILOSOFIA . . .

O "Informativo 1991" apresenta nova redação da Filosofia Educacional do Colégio São Vicente de Paulo. A redação anterior parecia considerar que só o aluno é sujeito no processo educativo. A atual acentua que a educação "é um processo conjunto". Educadores e educandos são igualmente sujeitos. A participação na Escola deve ser de todos. Individual ou organizada, deve ser contínua. Seria fatal para a educação que se pretende transformadora, se se repetisse, por exemplo, na Associação de Pais, na Associação de Professores, nos Grêmios, etc. o vício da Democracia Representativa: uma vez dado o voto, o eleitor volta para casa, livre de qualquer outra obrigação.

O desenvolvimento de práticas participativas e democráticas é uma exigência da Educação Libertadora, como de toda formação para o exercício da democracia.

Hoje em dia, porém, todo mundo fala em participação. A Igreja pede a participação dos fiéis. O Governo, a participação do povo no combate à inflação. A APAERJ, a participação dos pais nas campanhas contra a elevação das mensalidades. Os professores pedem a participação sindical em defesa de seus salários. Os grêmios estudantis, a participação dos alunos nas

manifestações públicas contra o repasse.

Todos falam na importância da participação, mas querem todos a mesma coisa? Resolvidos os problemas imediatos, ainda participarão? A gente é levado a pensar que a participação, que não ocorre de uma determinada concepção de homem e de sociedade, mas está ligada apenas às condições presentes, será tão duradoura quanto essas condições. Ou poderemos ver nesses diversos apelos à participação um sinal de mudança cultural, de tomada de consciência, ainda confusa e fragmentada, de quem um sentido do mundo, outrora aceito, se está esboçando?

O tempo envelhece as palavras e a moda as desgasta mais depressa ainda. Uma mesma bandeira, hasteada por grupos tão diferentes, pode indicar coisas úteis e necessárias ou não significar mais nada ou até designar coisas perigosas. Uma é a participação, quando solicitada, outra, a participação, quando reivindicada. Quando o Governo pede participação, o que ele quer é reforçar a consciência coletiva, sob seu comando, na execução de decisões por ele tomadas. Quando um grupo ou classe reivindica participação, o que ele quer é participar também nas decisões para reforçar, em seus membros, a consciência de que também eles são sujeitos e de que são corresponsáveis.

A participação, consciente e corresponsável, no Colégio, é uma decorrência de sua concepção do homem e da sociedade. Na escola católica, a opção por uma Educação para a Libertação, tema obrigatório a partir das Conferências Episcopais de Medellín e Puebla, está ligada a uma evangelização que faz também opção preferencial pelos pobres. Na medida em que a escola ajuda os jovens a se integrarem, progressivamente, na sociedade, ela ensina a descobrir como é e como funciona o mundo em que vivem e a ver, como dizem os Bispos latino-americanos, a face do Cristo sofredor, que nos julga e nos interpela no rosto de indígenas e afro-americanos, no rosto dos sem-terra, dos operários mal pagos, dos desempregados e marginalizados, no rosto

das crianças mal nutridas, dos jovens desorientados, de todos os homens, marcados pela fome, pela discriminação e pelo abandono.

Alguns educadores temem que o desenvolvimento da consciência de grupo e de classe prejudique a consciência comunitária. A reunião de educadores (pais, professores e funcionários) e de educandos, em organizações representativas de seus interesses e aspirações, poderia levar, temem eles, ao confronto nocivo ao bem comum. Seria ingenuidade não reconhecer esse risco, mas toda pedagogia tem suas limitações e está exposta a desvios. Entretanto, consciência comunitária e consciência de grupo, de classe não se opõem inevitavelmente. E, por outro lado, a participação contínua, organizada e o confronto são o caminho indispensável para o amadurecimento e o diálogo, em benefício do jogo democrático e do surgimento de novas relações, mais justas e fraternais.

Não se educa a juventude para a democracia, se ela não participa, antecipando, de alguma forma, a sociedade futura. Sem participação, não se educa a consciência crítica nem há educação libertadora. Sem participação, não se superam os preconceitos e as atitudes agressivas que bloqueiam a comunicação e isolam pessoas e grupos na sociedade.

Sendo mais fácil educar para ser súdito do que para ser sujeito ou, como diz o Informativo 91, "pessoa livre e responsável", a Escola, ao optar pela Educação Libertadora, escolheu a tarefa mais desafiadora. Tida como instrumento pelo qual a sociedade se perpetua, a escola deve tornar-se, em certo sentido, noviciado de uma nova cultura. Educadores e educandos, ao mesmo tempo que se constroem, devem aprender a contribuir para a construção do mundo. Ao mesmo tempo que são transformados, devem contribuir para a transformação da sociedade em que vivem, convivem e agem. Ao mesmo tempo que se libertam dos mecanismos autoritários, inibidores, formais, desligados da realidade, devem dominar os instrumentos que lhes permitem ser agentes de transformação social.



PINGOS E . . . RESPINGOS SOCIAIS: FORMATURA:

● São Vicente em outras esferas!

Ficamos orgulhosos em saber que nosso professor de Música, Artes e Teatro, Lauro Basile, participou da Comissão Organizadora do VI Congresso Mundial de Musicoterapia.

O evento reuniu aproximadamente 700 pessoas representantes de 20 países.

Parabéns, professor pelo sucesso, pelo engajamento ativo e frutuoso investimento.

— o —

FORMATURA:

A 21 de dezembro próximo, Rosana Mota, Professora dos Colégios São Vicente de Paulo e Santo Antônio Maria Zaccaria, receberá sua "Licença" em Ciências Biológicas.

"A CHAMA" se congratula com Rosana e com seus familiares. Trabalhando oito horas diárias e viajando quatro, ela encontrou tempo para frequentar a universidade em curso noturno e chegar a este nível com brilhantismo, aos 22 anos de idade.

Parabéns e sempre mais!

● Márcia fez "um bonito"

Márcia Vieira, nossa professora da turma 12, apresentou a sua monografia: O Supervisor Escolar e a melhoria da qualidade do Ensino de 1º Grau numa concepção dialética de Educação. (Análise das possibilidades concretas de atuação do Supervisor na Rede Pública Estadual de 1º Grau do Rio de Janeiro).

Tão grande quanto o título foi a performance da mestra que, munida de excelente material audiovisual, enriqueceu a plateia com suas experiências como professora da Rede Estadual.

No seu discurso ficou registrado subrepticamente a filosofia educacional que anima e dinamiza o Colégio São Vicente de Paulo.

Quem esteve presente no Núcleo de Pós-graduação do Instituto Metodista Bennett, às 19 horas, do dia 26 de junho de 1990, pôde confirmar.

Mais uma vez, parabéns, Márcia!

— o —

● Manhã fria e chuvosa... aplausos calorosos!...

Aos três dias do mês da primavera floresceu a tese:

"O professor do Magistério do Primeiro Grau: sua origem social, visão de mundo e prática docente."

Foi defendida por Maria de Lourdes Rangel Tura, nossa Lurdinha, no auditório da Fundação Getúlio Vargas.

Distinguida com "Menção Honrosa", nossa Orientadora Educacional foi convidada a publicar sua tese.

Familiares e amigos presentes assistiram ao desabrochar de um trabalho importante, sério, bonito e laborioso.

As professoras do São Vicente trouxeram orgulhosas informações sobre a performance da Lurdinha que, como sempre, foi brilhante.

Marlene

(Coordenadora — 1º Grau)

● E... MAIS RESPINGOS

— INSPETORA: Maria da Glória Rocha Cabral (Inspetora) — mãe de Alexandre — acidentado em 15-03-89, gravemente — se encontra recuperado.

— CASAMENTO: Andréa Severiano Vieira da Cruz (Auxiliar Departamento Pessoal) e Marco Antônio Francisco da Cruz, em 02-12-89.

— NOIVADO: Elizabeht Damaso dos Santos (Inspetora) e Carlos Pinto de Almeida, em 15-09-90.

● Tem bebê no "pedaço"

A colega mamãe, professora Denise Vieira Castro (T. 13) e o papai Luís Mendes Castro, no dia 12 de março embalsamaram seu terceiro bebê: Louise Christine.

Laís e Luís ganharam uma linda irmãzinha.

Que Deus abençoe este lar!

— o —

— NASCIMENTO: Lúcia Vitória de Abreu, em 19-11-90, filha de Márcia Vitória de Abreu (Professora) e José Leonardo Matta de Abreu (1ª filha).

— NASCIMENTO: Willian Trajano da Silva, 01-07-89, filho de José Trajano da Silva (Encarregado-Zeladoria) e Maria Lúcia da Silva — (6º filho).

— NASCIMENTO: Thamirys Lopes Morais, em 23-05-90, filha de Antônio Morais da Silva (Mecanografia) — (3ª filha).

— NASCIMENTO: Jéssica Belo do Rosario, em 30-05-90, filha de Graça Maria Belo do Rosario (Mecanografia) e Ivaldo Paulo do Rosario — (2º filho — um casal).

— NASCIMENTO: André Luiz Silva, em 18-12-89, filho de Sergio Luiz Silva (Aux. Portaria) e Ana Estela Silva — (2º filho — um casal).

I — Falecimento

— No dia 27-10-90, em consequência de queimaduras com água fervendo, faleceu Sr. Tarcísio Oliver de Faria, 58 anos, em Itapitinga — S.P. —, onde residia e onde foi sepultado. Era irmão do Pe. Domingos Oliver de Faria que, ao saber da gravidade do acidente, viajou imediatamente, encontrando o irmão ainda vivo. Os pais, Prof. José Faria e D. Gersina, apesar de nonagenários puderam ir de Belo Horizonte para os funerais. Ao Pe. Domingos e a todos os familiares, "A CHAMA" hipoteca solidariedade.

II — Falecimento

— No dia 28-10-90, às 4 horas da manhã, despediu-se deste mundo a Professora Maria Angélica Damasceno de Paula, esposa do Professor Wander do SOE e Coordenadora de Formação Religiosa do Colégio Santo Antônio Maria Zaccaria.

Com todas as Instituições escolares do Rio de Janeiro, lamentamos esta perda de uma batalhadora competente e dedicada, que fará tanta falta a todas as Escolas Católicas, particularmente a seu Colégio Zaccaria.

Ao Professor Wander, aos familiares de Angélica, assim como ao próprio Colégio Zaccaria nossas afetuosas condolências.

EX-ALUNOS PAIS DE ATUAIS ALUNOS

Emily Combecau

Adrien Louis Combecau – T. 32

Gilles Louis Pirmez Combecau – T. 64

Fernando Samento de Carvalho

Alessandra Novás de Souza Carvalho – T. 65

Tatiana Novás de Souza Carvalho – T. 81

Pylyp Nakonechnyj

Alexandre Nakonechnyj – T. 61

Antonio Celso de Souza e Silva

Lucia Cristina Alexandrino de Souza e Silva

Ana Alexandrino de Souza e Silva – T. 53

Antonio Juliano de Souza e Silva – T. 33

Eduardo Pereira da Silva Freire

André de Salles Freire – T. 23

Marcelo de Salles Freire – T. 14

Tiago de Salles Freire – T. 65

Carmen Fernandes Carsalade

Bernardo Fernandes Carsalade – T. 43

Haroldo Graça Couto

Bernardo Graça Couto – T. 24

Wilma Dubeux Afonso de Melo Milano

Bruno Afonso de Melo Milano – T. 42

Antero Botelho Leite de Castro

Clarissa Leite de Castro – T. 62

Marcos Leite de Castro – T. 1^oC

Marcos do Rêgo Monteiro Saraiva

Daniel Bouzon do Rêgo Monteiro Saraiva – T. 24

Edegard Gomes Junior

Eduardo Graça Gomes – T. 24

Maria da Conceição Cruz Vasques

Fernanda Cruz Vasques – T. 74

Claudia Regina Rodrigues Ribeiro Teixeira

Elisa Ribeiro Teixeira – T. 42

Flávio Ribeiro Teixeira – T. 23

Marcelo Dreyfus Correia de Mello Cattan

Gabriel Dreyfus Weibert Cattan – T. 73

Maria Carolina Weibert Cattan – T. 1^oC

Monica da Luz Costa Moraes

Guilherme Costa de Souza Moraes – T. 21

João Darc Costa de Souza Moraes – T. 65

Mauricio de Sousa Fernandes

Guilherme de Faria Fernandes – T. 64

Marcelo de Faria Fernandes – T. 22

Marina de Faria Fernandes – T. 73

Arthur Mendes de Melo

Gustavo Mendes de Melo – T. 63

José Alberto Komel Fonseca

Rita Maria Costa Marques Fonseca

José Antonio Marques Fonseca – T. 22

Fábio Villela Barreto Borges

Márcia Barreto Borges

Júlia Barreto Borges – T. 51

Marcio Luiz Donnici

Juliano Ramos Donnici – T. 63

Vicente Ramos Donnici – T. 22

Eduardo de Souza Fernandes

Luciana da Rocha Fernandes – T. 63

Mariza Neri Gonçalves

Luli Neri Gonçalves – T. 1^o A

Paulo Fernando de Vasconcelos Valença

Cecilia Maria de Andrade Lima Valença

Maria de Andrade Lima Valença – T. 53

Marta de Andrade Lima Valença – T. 73

Julio Cesar Garcia Piña Rodrigues

Mariana Carsalade Piña Rodrigues – T. 22

José Luiz Mauricio Amaral de Alcantara

Mauricio Stal de Alcantara – T. 62

Alfredo Coimbra Barsuglia

Vera Graça Couto Pinho Barsuglia

Monica Pinho Barsuglia – T. 22

Ricardo Costa Garcia

Patrícia Keller Garcia – T. 15

Lêda Elza Monteiro Pereira Guimarães de Souza

Paula Monteiro Pereira Guimarães de Souza – T. 31

Rubem Marcos Catunda

Paula Palhares Catunda – T. 72

... ESPERAMOS NOVA TERRA, ONDE HABITARÁ A JUSTIÇA

(2 Pedro, 3,13).



A **JUSTIÇA** esperada é o próprio Jesus. Mesmo ignorando o tempo de sua vinda definitiva, antecipamos seu **advento** nas **Celebrações Natalinas**, por um esforço de **FRATERNIDADE**, tanto mais autêntico quanto mais coerente com as normas da mesma **JUSTIÇA**.

Aproximando-nos do **NATAL**, temos já à vista a próxima **CAMPANHA DA FRATERNIDADE**, comemorativa do **Centenário da Encíclica RERUM NOVARUM**, com o lema **SOLIDÁRIOS na DIGNIDADE do TRABALHO**. Ela nos mostrará que a **JUSTIÇA SOCIAL** é termômetro da **DIGNIDADE do TRABALHO** e condi-

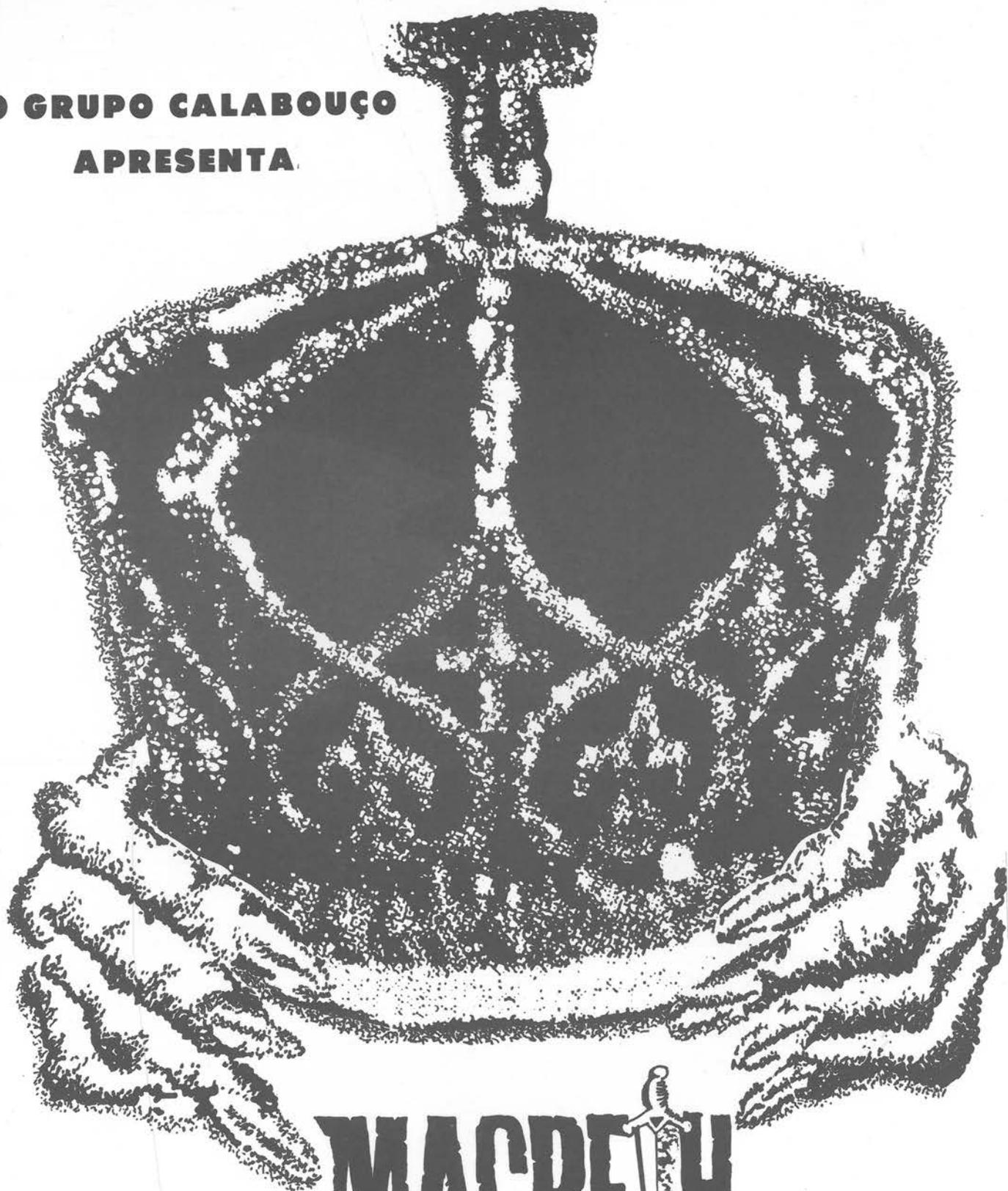
ção para a verdadeira **FRATERNIDADE**.

Estamos todos, de alguma sorte, comprometidos com estes temas. Por isso, ao festejarmos Aquele que, nascido de família operária, quis mostrar-se **SOLIDÁRIO COM OS HOMENS NA DIGNIDADE DO TRABALHO**, somos estimulados a construir e viver nossa **FRATERNIDADE** à base dessa mesma **DIGNIDADE**.

Não será tal disposição a melhor garantia de **SANTO NATAL** e **FELIZ ANO NOVO**?

FELIZ NATAL e **FELIZ ANO NOVO** é o que, de coração, a todos deseja nossa revista **A CHAMA**.

**O GRUPO CALABOUÇO
APRESENTA**



MACBETH
DE SHAKESPEARE

CALABOUÇO
15
ANOS

no teatro do Colégio São Vicente

